

8.

Referências Bibliográficas

ALBERNAZ, A.; FERREIRA, F.; FRANCO, C. Qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v.32, n.3. Rio de Janeiro, IPEA, 2002.

ALVES, Maria Tereza Gonzaga; FRANCO, Creso. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005 e dos Censos Escolares 2005 e 2006**. IBGE/INEP, 2006.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, Vol. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BROOKS, Greg; BURTON, Maxine; COLE, Pam; SZCZERBINSKI, Marcin. **Effective Teaching and Learning Reading**. National Research and Development Centre for adult literacy and numeracy. London, 2007.

CASTILLO, Rosa María Torres del. **Educação e aprendizagem para todos: olhares dos cinco continentes**. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2009.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Pisa 2000: relatório nacional**. Brasília, DF: INEPMEC, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/download/enem/2000/pisa/pisa2000.pdf>>. Acesso em: 30 jul 2008.

CHAGAS, Marcos; BONAMINO, Alicia. O Programa de Educação Juvenil: Projeto, práticas e críticas. **Teias**. FAE-Uerj, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, p. 74-80, jul./dez. 2002.

COLEMAN, J. S. **Equality of Education Opportunity**. Office of Education, U. S. Washington D. C., 1966.

CUKIERKORN, Mônica M. de O. Braga. Concepções e práticas pedagógicas. In: HADDAD, Sérgio (Coord.). **Educação de Jovens e Adultos no Brasil** (1986-1998). Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Parecer CEB 11/2000. In: SOARES, Leôncio. **Educação de jovens e adultos: diretrizes curriculares nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DI PIERRO, Maria Clara. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 27, n. 2, jul. 2001, p.321-337.

ESPÓSITO, Y.L.; DAVIS, C.; NUNES, M.M.R. Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar: o modelo adotado pelo estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, pp. 25-53, 2000.

FÁVERO, Osmar; ANDRADE, Eliane Ribeiro; BRENNER, Ana Karina. Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA). In: HADDAD, Sérgio. **Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA**. São Paulo: Global, 2007.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de educação**, n. 10, pp. 58-78, Jan/Fev/Mar/Abr 1999.

FRANCO, Creso; ALVES, Fátima; BONAMINO, Alicia. Qualidade do Ensino Fundamental: políticas, suas possibilidades, seus limites. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p. 989-1014, out. 2007.

FRANCO, Creso; BONAMINO, Alicia. **Eficácia e Equidade na Escola Fundamental Brasileira**. PUC-Rio, 2003 (mimeo).

_____. A pesquisa sobre característica de escolas eficazes no Brasil: breve revisão dos principais achados e alguns problemas em aberto. **Educação On-Line: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação**. n. 1, PUC-Rio, 2005.

FRANCO, Creso; ORTIGÃO Isabel; ALBERNAZ, Ângela; BONAMINO, Alicia; AGUIAR, Glauco; ALVES, Fátima; SÁTYRO, Natália. Eficácia escolar em Brasil: investigando práticas y políticas escolares moderadoras de desigualdades educacionais. In: CUETO, Santiago (Org.). **Educación y Brechas de Equidad em América Latina**. Santiago de Chile: PREAL, 2007.

FRANCO, C., FERNANDES, C, SOARES, J.F., BELTRÃO, K., BARBOSA, M. E, ALVES, M. T. G. O referencial teórico na construção dos questionários contextuais do SAEB 2001. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo: n.28, p.39-71, 2003.

FRANCO, C.; ALBERNAZ, A.; ORTIGÃO, M. I. **Eficácia e equidade na educação brasileira**. Relatório de Pesquisa encaminhado ao INEP/MEC, 2002.

FRANCO, C.; SZTAJN, P.; ORTIGÃO, M.I. Mathematics Teachers, Reform and Equity: results from the Brazilian National Assessment. **Global Conference on Education Research for Developing Countries**. Prague, March 31 to April 2, 2005.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 23^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HADDAD, Sérgio (Coord.). **Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA**. São Paulo: Global, 2007.

_____. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2002.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, mai./ago. 2000a.

_____. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, vol.14, n.1, p. 29-40, mar. 2000b.

INEP. **SAEB 2001: Novas Perspectivas**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, 2002.

LEE, V. E.; BRYK, A. S.; SMITH, J. The Organization of Effective Secondary Schools. In: DARLING-HAMMOND, L. **Review of Research in Education**. Washington, DC: American Educational Research Association, p. 171-267, 1993.

LEE, V., FRANCO, C. e ALBERNAZ, A. Quality and Equality in Brazilian Secondary Schools: A Multilevel Cross-National School Effects Study. Paper presented at the 2004 Annual Meeting of the American Educational Research Association, San Diego, CA, 2004.

MACHADO, Flora Prata. **Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?**, 2004. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-Rio. Rio de Janeiro.

_____. A Educação de Jovens e Adultos na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro. In: PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Documento de orientações sobre o funcionamento do PEJA**, 2006.

MACHADO, Maria Margarida. O professor. In: HADDAD, Sérgio (Coord.). **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2002.

MACHADO SOARES, T.. (no prelo). Modelo de três níveis hierárquicos para a proficiência dos alunos de 4ª série avaliados no teste de língua portuguesa do SIMAVE/PROEB-2002. **Revista Brasileira de Educação**, 2004b.

MACHADO SOARES, T.. **Influência do Professor e do Ambiente em Sala de Aula sobre a Proficiência Alcançada pelos Alunos Avaliados no Simave-2002**, 2004a.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO, Orlinda Maria de Fátima Carrijo. (Dissertação) **De alfabetização e alfabetizações: a busca do possível**, UNICAMP, 1991.

MENEZES-FILHO, N. e PAZELLO, E. Does Money in Schools Matter? Evaluating the Effects of a Funding Reform on Wages and Test Scores in Brazil. PREAL Disponível em: <<http://www.preal.org/FIE/pdf/FUNDEF%20BRASIL.pdf>>, 2004. Acesso em: 15 jun 2008.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

PEDROSA, Fernanda Ferreira. **Clima acadêmico e promoção da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental**, 2007. 118 p. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-Rio. Rio de Janeiro.

PÉREZ, Luz María; BELLET, Cristián; RACZYNSKI, Dagmar; MUÑOZ, Gonzalo. (Coord.). **¿Quién dijo que no se puede?** Escuelas Efectivas em Sectores de Pobreza. Chile, UNICEF/Gobierno de Chile/Ministerio de Educación, 2004.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Documento de orientações sobre o funcionamento do PEJA**, 2006.

_____. _____. **Parecer n. 06 de 25 de janeiro de 2005.** Aprova alterações no funcionamento do PEJ e dá outras providências.

_____. _____. **Parecer n. 03 de 07 de abril de 1999.** Aprova o Projeto de Educação Juvenil nas suas etapas PEJ I e PEJ II.

RACZYNSKI, Dagmar; MUÑOZ, Gonzalo. **Factores que desafían los buenos resultados educativos de escuelas en sectores de pobreza:** propuesta de investigación. Santiago de Chile: PREAL, 2003.

RAGONESI, Marisa Eugenia Melillo Meira. (Dissertação) **A educação de adultos:** instrumento de exclusão ou democratização? Um estudo sobre a evasão em cursos de educação básica de adultos, PUC-SP, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs.** Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Coleção “Uma nova EJA para São Paulo” – Caderno 3: Traçando o perfil de alunos e professores da EJA.** Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – Divisão de Orientação Técnica da Educação de Jovens e Adultos – DOT-EJA; Ação Educativa, 2004.

RODRIGUES, Eduardo Magrone. (Dissertação) **Evasão escolar no ensino noturno de segundo grau:** um estudo de caso. UFRGS, 1994.

SAMMONS, Pam. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar:** origem e trajetórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SAMMONS, P., HILLMAN, J. e MORTIMORE, P. Key Characteristics of Effective Schools: A Review of School Effectiveness Research. London: Office for Standards in Education [OFSTED], 1995.

SLAVIN, Robert E. **Salas de aula eficazes, escolas eficazes:** uma base de pesquisa para a reforma da educação na América Latina. PREAL, n. 04, 1996. disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/projetos/arq/Preal_Doc04.pdf> Acesso em: 30 mai 2008.

SOARES, José Francisco (Coord.). **Escola eficaz:** um estudo de caso em três escolas públicas de ensino do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: GAME/FaE/UFMG, 2002.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. Desigualdades Raciais no Sistema Brasileiro de Educação Básica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, p. 147-165, 2003.

SOARES, J. F.; MAMBRINI, J.; PEREIRA, L.R.; ALVES, M. T. G. **Fatores associados ao desempenho em Língua Portuguesa e Matemática:** evidência do SAEB 2001. UFMG, jul/2001. (13) (mimeo).

SOUZA, Antonio Carlos de. Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos. In: HADDAD, Sérgio (Coord.). **Educação de Jovens e Adultos no Brasil** (1986-1998). Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WILLMS, J. D. **Monitoring School Performance**. Washington, D.C.: The Falmer Press, 1992.

ANEXO 1



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

PENSANDO SOBRE AVALIAÇÃO NO PEJA I...*

“(...) a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um único operário manual se torne qualificado, mas que cada ‘cidadão’ possa se tornar ‘governante’ e que a sociedade o coloque, ainda que ‘abstratamente’, nas condições gerais de poder fazê-lo.”

Antonio Gramsci

Avaliação é um tema muito debatido entre educadores, sobretudo nas últimas décadas. Pesquisadores do assunto vêm buscando construir um instrumento de avaliação que consiga refletir, o mais fielmente possível, sobre o desenvolvimento do aluno e do processo de ensino e aprendizagem, com o propósito de direcionar o trabalho pedagógico para a busca incessante de compreender como o aluno constrói seu próprio processo de aprender, de forma a auxiliá-lo em cada etapa do caminho, visando a seu sucesso e à manutenção de sua auto-estima elevada. Para alcançar tal objetivo, a avaliação não pode ter um caráter classificatório e, portanto, excludente, no que tange a todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem: alunos, professores, direção, comunidade e instituições.

Falar em Educação de Jovens e Adultos (EJA) é referir-se a sujeitos que, por uma série de motivos, não frequentaram ou “abandonaram” a escola na “idade própria” (o termo é utilizado na Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, a LDB) e que, anos mais tarde, voltam a procurar esse espaço com objetivos diversos. Assim, a EJA está ligada diretamente a um contexto de desigualdade, pobreza e exclusão, pois como afirma Rummert (apud FRIGOTTO, 2002, p. 117), “[uma] significativa parcela da população brasileira, por razões de caráter político e econômico, não teve assegurado, pelo Estado, o direito à educação básica na infância e na adolescência”.

Num contexto como o que se dá a Educação de Jovens e Adultos, em que as relações sociais e produtivas são analisadas a partir de enfoques parciais e fragmentários, restritos ao plano fenomênico (KOSIK, 1978), a educação, revestida de um caráter de fetiche, é apresentada a nós como o elemento estratégico da economia globalizada e competitiva, de caráter, sobretudo, tecnicista e tecnológico. Esta concepção assume no Brasil, nos anos de 1990, destaque particular nos discursos hegemônicos, justificando as iniciativas tomadas no plano da educação, visando atender às necessidades e aos interesses imediatos do capital.

Nos últimos anos, as reformas educacionais de cunho neoliberal, instituídas em diversos países, estão vinculadas a um determinado tipo de processo avaliativo (AFONSO, 1998). À primeira vista, qualquer reforma requer um processo avaliativo de acompanhamento das mudanças em curso. A novidade nas reformas recentes são os novos sentidos e papel que conferidos à avaliação, tornam-na tão somente um elemento de preparação ou acompanhamento das mudanças efetuadas. Nestes tipos de reformas, a

avaliação é, ela mesma, um instrumento de modificação da gestão das redes de ensino, posta em vigor com o intuito de socializar novas práticas e novas idéias, caracterizadas pela meritocracia e pela competição.

A avaliação é um grande desafio à prática pedagógica. Por vários anos foi vista como elemento de controle e dominação do professor sobre o aluno. Estudos mais recentes apontam, pelo contrário, a avaliação como elemento que objetiva a retomada dos caminhos a serem seguidos, aliados a ações pedagógicas.

A concepção e as práticas avaliativas das instituições de ensino devem ser parte essencial do Projeto Político Pedagógico de cada escola. Projeto este que, construído por todos os atores sociais, visa o coletivo sem, contudo, perder de vista qualquer tipo de diversidade, inerente a todos os grupos. Portanto, trata-se, no fundo, da identidade da própria escola. Do que considera sua missão, suas necessidades e utopias. Aí incluídas as ações que cada escola trata como prioridade e seu ideal de sociedade.

O PEJA é uma modalidade educativa que busca resgatar no aluno evadido — ou naquele aluno cujas oportunidades educativas institucionais não surgiram, deixando-o à deriva da educação formal — o desenvolvimento sociocognitivo, oferecendo-lhe ferramentas necessárias para o exercício pleno da cidadania. Em sua estrutura pedagógica montada e voltada para este aluno, objetiva oportunidades de avanço na aprendizagem, de acordo com seu desenvolvimento, que deve ser avaliado pelo próprio aluno e pela equipe docente da escola.

A escola deve oferecer a todos oportunidades, além das mais amplas possibilidades de acesso à cultura que é construída socialmente. A escola e todos os que a constroem e a usam devem ser capazes de pensar, de estudar e, como afirma Gramsci, de “ser dirigentes e dirigidos”.

Neste sentido, a avaliação precisa ser entendida e praticada como movimento, transformação e, por isso, seu papel não deve ser o de apresentar “verdades autoritárias” (notas), mas, sim, o papel de investigar, problematizar e ampliar perspectivas. A avaliação é um processo que implica uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica, a fim de captar seus avanços, suas resistências, dificuldades, e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que conseguiu mostrar.

A Educação de Jovens e Adultos não deve servir para reforçar os mecanismos socioeconômicos de exclusão, mas sim, ser marcada pela qualidade socialmente referenciada e pela valorização da educação, de fato, voltada para jovens e adultos, que tiveram acesso negado ao conhecimento sistematizado (RUMMERT, 2003).

Defendemos uma avaliação que aconteça de forma contínua e sistemática, portanto, que ocorra qualitativamente no processo de ensino e de aprendizagem em que o educando produz e reorganiza saberes. Assim, é fundamental considerarmos:

- As diferenças individuais (aspectos econômico-culturais)
- A comunidade onde a escola se insere (aspectos histórico-sociais)
- A função diagnóstica da avaliação
- O papel da mediação para o avanço do aluno
- As situações/aspectos que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem
- O Projeto Político Pedagógico de cada Unidade Escolar

“Não somos pescadores domingueiros, esperando o peixe. Somos agricultores, esperando a colheita, porque a queremos muito, porque conhecemos as sementes, a terra, os ventos e a chuva, porque avaliamos as circunstâncias e porque trabalhamos seriamente”.

Danilo Gandin

Referências Bibliográficas

AFONSO, Almerindo Janela. **Políticas educativas e avaliação educacional: para uma análise sociológica da reforma educativa em Portugal (1985 – 1995)**. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1998.

BRASIL. **Lei nº. 9394**, de 24 de dezembro de 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio & CIAVATTA, Maria. (orgs.) **A experiência do trabalho e a educação básica**. Coleção O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RUMMERT, Sonia Maria. **Educação e identidade dos trabalhadores: as concepções do capital e do trabalho**. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

* **Texto elaborado pelas professoras do PEJA I, representantes das CREs, em 2006:**

Alessandra S. dos Santos – E. M. Narbal Fontes – E/6ª CRE

Debbie Bateman Vasconcellos – CREJA

Flávia de F. de Lamare – CIEP Nelson Hungria –E/10ª CRE

Hérica Ferreira dos Santos – E. M. Patrice Lumumba – E/3ª CRE

Jaqueline Luzia da Silva – CIEP Ministro Gustavo Capanema – E/4ª CRE – PEJA (Elem. de Equipe)

Katia Regina Moura – E. M. Levy Miranda – E/ 6ª CRE – PEJA (Elem. de Equipe)

Léa Regina Menezes de Souza – E. M. Calouste Gulbenkian – E/1ª CRE

Teresinha M. F. Nascimento – CIEP Herivelto Martins – E/9ª CRE

ANEXO 2

PARÂMETROS CURRICULARES DO PEJA I

LÍNGUA PORTUGUESA => Língua materna, herança cultural em permanente construção e desconstrução.

“Aulas de português, perguntemo-nos todos os dias: a favor de quem? A favor de quê? Se as pessoas não ficam mais capazes para – falando, lendo, escrevendo e ouvindo – atuarem socialmente na melhoria do mundo, pela construção de um novo discurso, de um novo sujeito, de uma nova sociedade, para que aulas de português?”

Irândé Antunes, 2004

BLOCO I

1. Oralidade

- Expõe suas ideias com clareza e coerência.
- Argumenta em defesa de suas próprias ideias e opiniões.
- Narra histórias, inventando-as ou reproduzindo-as, mantendo a organização do pensamento.
- Participa, mesmo apenas quando solicitado, da produção de textos coletivos.
- Percebe as diferenças que caracterizam a fala formal e a fala informal.
- Sabe ouvir o outro e respeita as opiniões alheias.

2. Leitura

- Reconhece e nomeia o alfabeto.
- Percebe a diferença entre texto verbal e outros tipos de texto.
- Atribui sentido aos textos que lê, sejam eles verbais ou não-verbais.
- Reconhece os vários portadores textuais, tais como jornais, revistas, livros, dentre outros, percebendo suas diferenças e suas respectivas funções.
- Identifica diferentes gêneros textuais e suas respectivas funções.
- Começa a utilizar as estratégias de leitura (seleção, antecipação, inferência e verificação).
- Compreende o valor social da leitura e dela faz uso em seu cotidiano de maneira cada vez mais frequente.

3. Escrita

- Reconhece o sistema da escrita em Língua Portuguesa e possui um certo conhecimento das regularidades e irregularidades ortográficas.
- Reconhece a divisão do texto em parágrafos e frases.
- Produz, com relativa autonomia, pequenos textos com coerência, coesão, levando em conta o destinatário, a finalidade do texto e o gênero textual.
- Revê e reescreve seu texto, com a mediação do professor, tornando-o adequado à situação de comunicação.

4. Análise linguística

- Analisa, ainda que de maneira incipiente e com a mediação do professor, produções textuais próprias e alheias tendo em vista aspectos como: a coesão, a coerência, a adequação e a compreensão do texto.

BLOCO II

1. Oralidade

- Participa ativamente da produção de textos coletivos.
- Argumenta em defesa de suas próprias ideias e opiniões.
- Narra histórias, inventando-as ou reproduzindo-as, mantendo a organização do pensamento.
- Usa adequadamente sua fala em diferentes espaços e com diferentes interlocutores.
- Posiciona-se criticamente diante de discussões e debates.
- Percebe as diferenças que caracterizam a fala formal e a fala informal.

- Sabe ouvir o outro e respeita as opiniões alheias.

2. Leitura

- Atribui sentido aos textos que lê, sejam eles verbais ou não-verbais, estabelecendo relações entre os textos lidos e seus conhecimentos anteriores.
- Reconhece os vários portadores textuais, tais como jornais, revistas, livros, dentre outros, percebendo suas diferenças e suas respectivas funções.
- Identifica diferentes gêneros textuais e suas respectivas funções.
- Utiliza as estratégias de leitura (seleção, antecipação, inferência e verificação).
- Busca fontes adequadas para adquirir as informações ou conhecimentos de que necessita.
- Apresente fluência, ritmo e entonação adequados à leitura e necessários à compreensão do texto.
- Compreende o valor social da leitura e dela faz uso em seu cotidiano de maneira habitual.

3. Escrita

- Reconhece o sistema da escrita em Língua Portuguesa e possui um certo conhecimento das regularidades e irregularidades ortográficas.
- Reconhece a divisão do texto em parágrafos e frases.
- Produz, com autonomia, pequenos textos com coerência, coesão, levando em conta o destinatário, a finalidade do texto e o gênero textual.
- Revê e reescreve seu texto com relativa autonomia, tornando-o adequado à situação de comunicação

4. Análise linguística

- Analisa, com a mediação do professor, produções textuais próprias e alheias tendo em vista aspectos como: a coesão, a coerência, a adequação e a compreensão do texto.

MATEMÁTICA

“A íntima relação existente entre a matemática e a vida pode ser percebida, através dos seus usos, funções e possibilidades. A cada dia o modelo de matemática infalível, distanciada da intuição, da experimentação e da realidade está sendo questionado, mudando, assim, a sua natureza e imagem construída ao longo dos tempos.”
MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 167

Bloco 1

- Estabelece relações entre a matemática e sua vida cotidiana.
- Identifica a função numérica em contextos diferenciados (código, quantidade, valor, ordem,...).
- Compreende situações-problema, utilizando estratégias próprias em sua resolução.
- Compreende que os sinais +; -; =; ≠; <; >; fazem parte da linguagem matemática, utilizando-os adequadamente.
- Utiliza o algoritmo (“armar a conta”) de adição e subtração.
- Realiza cálculo mental (adição, subtração).
- Registra, constrói e lê quantidades e valores até a centena, utilizando o quadro valor de lugar.
- Identifica antecessor e sucessor em sequência numérica.
- Associa a adição à ideia de juntar e de acrescentar uma quantidade a outra.
- Percebe que a subtração corresponde à ideia de retirar, comparar, complementar.
- Estabelece relação entre as unidades de medida do tempo (segundo, minuto, hora, dia, semana, mês, ano,...).
- Interpreta e utiliza o calendário.

Bloco 2

- Analisa, interpreta e resolve situações-problema, utilizando: cálculo mental, algoritmo ou calculadora.
- Identifica sequências numéricas.
- Percebe que a multiplicação é uma adição de parcelas iguais.
- Percebe a divisão como a ideia de repartir, separar, dividir.

- Registra, constrói e lê números até a classe dos milhares.
- Utiliza o Sistema Monetário Nacional.
- Compreende que a fração representa um número.
- Utiliza a representação fracionária como parte de um inteiro.
- Relaciona os elementos da geometria, tais como: ponto, reta, plano, figuras planas e espaciais, com o ambiente a sua volta.
- Compreende que medir é estabelecer comparação entre grandezas da mesma natureza.
- Utiliza as medidas em situações reais.
- Estabelece diferenciação entre a ideia de medir da ideia de contar.
- Compreende que os sinais +; -; =; ≠; <; >; x; :, fazem parte da linguagem matemática, utilizando-os adequadamente.
- Utiliza a decomposição numérica como forma de representar quantidades.
- Realiza leitura de tabelas e gráficos.

CIÊNCIAS

*“Encantar-se com a ciência,
percebê-la como uma das mais instigantes produções humanas,
parece-nos hoje um grande desafio.”*
MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 169

Blocos 1 e 2

- Percebe que algumas transformações ambientais são naturais e outras são influenciadas pela ação humana.
- Estabelece relações entre a ação humana (individual e coletiva) e o meio ambiente e se reconhece como ator na preservação dos recursos naturais.
- Identifica processos de transformação do ambiente, tais como desmatamento e reflorestamento; acúmulo e tratamento do lixo, do esgoto e da água; usinas para obtenção de energia e uso do solo.
- Reconhece os cuidados indispensáveis ao próprio corpo e ao corpo alheio.
- Reconhece e nomeia as partes de seu corpo e compreende o funcionamento dos sistemas orgânicos.
- Estabelece relações entre doenças e hábitos de boa higiene e conservação da saúde, entendendo que as condições sociais são determinantes para o aparecimento de diversas doenças.
- Reconhece a existência de seres vivos com base nas características gerais dos mesmos.
- Identifica os seres vivos como: produtores, consumidores e decompositores, de acordo com a forma de obtenção de energia (cadeia alimentar).
- Reconhece os movimentos da Terra e da lua, estabelecendo relações entre dias e noites, eclipses, marés e estações do ano.
- Relaciona os métodos anticoncepcionais à fisiologia do aparelho reprodutor.
- Discute a relação entre DSTs, sexualidade e auto-cuidado.
- Analisa e estabelece relações entre drogas ilícitas e saúde.

ESTUDOS DA SOCIEDADE

*“É pois essa viagem permanente entre o passado e o presente,
entre o hoje e o ontem que nos permite conhecer e compreender a trajetória
humana.
Esse conhecimento é, entretanto, sempre reconstruído”*
MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 170

Blocos 1 e 2

- Percebe-se como ser social, que possui modo próprio de ser, viver, trabalhar.
- Reconhece-se como sujeito de sua história e como participante em diferentes grupos sociais que constroem a história da sociedade.
- Valoriza as relações interpessoais como base da existência humana, percebendo seus direitos e deveres.
- Percebe e respeita o modo próprio de vida e trabalho em grupos culturais diferenciados.
- Compreende e valoriza o conceito de cultura como conjunto de representações e expressões de valores de um grupo.
- Identifica formas diferenciadas de expressão da humanidade, ao longo do tempo.
- Reconhece a importância do trabalho na vida do ser humano, percebendo as transformações das relações trabalhistas ocorridas através do tempo.
- Orienta-se espacialmente quanto ao lugar em que vive: comunidade, bairro, cidade, estado, país,...
- Reconhece as transformações causadas pelo homem no meio ambiente e suas consequências.

ANEXO 3

Resolução SME nº 776 de 08 de abril de 2003.

Capítulo 1 – Da atribuição e registro dos conceitos

Art. 1º A avaliação do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos do 1º Ciclo de Formação à 8ª série e do Projeto de Educação Juvenil deverá ser expressa através dos seguintes conceitos: O – Ótimo; MB – Muito Bom; B – Bom; R – Regular e I – Insatisfatório.

Art. 2º Os conceitos determinados no artigo 1º serão atribuídos a partir dos seguintes critérios:

I. Ótimo (O) – Quando o aluno atingir os objetivos propostos para o período e revelar envolvimento nas tarefas, interesse, assiduidade, organização e bom relacionamento com os professores e colegas.

II. Muito Bom (MB) – Quando o aluno atingir os objetivos propostos para o período e necessitar de um trabalho pedagógico em relação a um ou mais dos seguintes aspectos: envolvimento nas tarefas, interesse, assiduidade, organização e bom relacionamento com os professores e colegas.

III. Bom (B) – Quando o aluno atingir parcialmente os objetivos propostos para o período e revelar envolvimento nas tarefas, interesse, assiduidade, organização e bom relacionamento com os professores e colegas.

IV. Regular (R) – Quando o aluno atingir parcialmente os objetivos propostos para o período e necessitar de um trabalho pedagógico em relação a um ou mais dos seguintes aspectos: envolvimento nas tarefas, interesse, assiduidade, organização e bom relacionamento com os professores e colegas.

V. Insatisfatório (I) – Quando o aluno não atingir os objetivos propostos para o período.

(...)

Capítulo 2 – Da continuidade dos estudos no Ensino Fundamental

(...)

Art. 8º Ao final do 1º Ciclo de Formação, da Progressão I, da Progressão II e de cada Bloco do PEJ I e no PEJ II, os alunos que ainda não atingiram os objetivos propostos, caracterizando o conceito I – Insatisfatório, serão avaliados pela equipe técnico-pedagógica da Unidade Escolar e da E/CRE, através de estratégias próprias, visando a enturmação que lhes permita a continuidade do processo de aprendizagem, com oferta de respostas educativas que atendam às suas necessidades.

(...)

ANEXO 4

Circular E/DGED/PEJ nº 16

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2004

Sr. (a) Coordenador(a) da CRE

Sr. (a) Diretor (a) da DED

Sr. (a) Diretor (a) da U. E.

Devido à necessidade de normatização do processo de requisição e dispensa de professores que atuam ou desejam atuar no PEJA I ou PEJ II, emitimos as seguintes orientações:

I – Quanto ao perfil que o professor interessado em atuar no PEJ deverá apresentar:

- 1.1 Ter uma visão crítica da sociedade e dos processos de exclusão gerados pela desigualdade social.
- 1.2 Ser um profissional curioso, que tenha prazer em estudar, procurando estar atualizado em relação a sua área de atuação, com consciência de que o conhecimento é sempre provisório, o que exige postura de aceitação e participação em ações de formação continuada.
- 1.3 Ser um profissional comprometido com as classes populares e que apresente uma relação afetiva e de interesse por seus alunos.
- 1.4 Ter disponibilidade para o diálogo e a reflexão em todas as situações referentes ao seu trabalho no PEJ.

II – Quanto ao conhecimento do Programa e seus documentos norteadores:

Ao longo do ano letivo, a direção da U. E. deverá garantir espaço para avaliação do trabalho realizado no PEJ sinalizando aos professores os aspectos de sua atuação que porventura não estejam em concordância com os itens I e II deste documento. As reuniões para avaliação deverão ser registradas em ata e, em caso de dispensa de algum professor, ao termino do ano letivo, a cópia desse documento deverá ser anexada ao relatório de dispensa.

Todos os professores deverão ter conhecimento dos documentos norteadores do trabalho pedagógico do PEJ, incluindo suas atualizações anuais:

- Parecer 03/99 CME
- Portarias (matrícula, enturmação e avaliação)
- Resolução SME nº 776 de 2003
- Circular E/DGED/PE nº 07 (emitida em 30 de janeiro de 2003)

III – Quanto ao processo de requisição e dispensa do professor:

Os professores que pretendem atuar no PEJ serão **requisitados** para participar do Programa.

Em cada CRE, a DED, em parceria com o DRH, deverá organizar um cadastro dos professores interessados em atuar no PEJ. As Coordenadorias deverão divulgar periodicamente entre seus professores a existência desse cadastro.

Essa requisição deverá ser feita pelo Diretor da Unidade Escolar a partir de consulta ao cadastro da CRE (s).

No ato da inscrição, os professores deverão ser notificados dos itens **I e II** desse documento, de que a sua permanência no Programa estará condicionada ao cumprimento dos mesmos.

A requisição será renovada automaticamente ao término de cada ano letivo, exceto nos seguintes casos:

A – dispensa a pedido do próprio professor

B – dispensa a pedido da direção da escola

C – dispensa a pedido da E/CRE

(...)

APÊNDICE 1 – PESQUISAS RECENTES 1999-2007**TEMA 1 – PROFESSOR**

AUTOR	DEFESA	TIPO	TÍTULO	INST.	ASPECTOS EM DESTAQUE
CARVALHO, Carlos Fabian de.	2004	M Ed	A educação de jovens e adultos e a universidade: a experiência do núcleo de educação de jovens e adultos da Universidade Federal do Espírito Santo	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Enfoca a formação de professores para a EJA. - Discute a constituição das universidades públicas no Brasil, procurando compreendê-las na sua relação com a sociedade civil. - Toma como experiência o Núcleo de EJA (NEJA-UFES) da Universidade Federal do Espírito Santo.
CASTRO, Catarina Maria Garcia.	2002	M Ed	Perspectiva de professores e alunos de séries iniciais da educação de jovens e adultos, uma interpretação a partir da conceituação de Basil Bernstein	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa as perspectivas de professores da rede pública de ensino enfocando o currículo, a prática pedagógica, a avaliação, assim como as perspectivas dos alunos dessas mesmas séries quanto ao seu retorno à escola. - De acordo com a abordagem teórica de Basil Bernstein (1996) lidamos com as categorias: discurso instrucional e regulador, constituintes da prática pedagogia, do currículo e da avaliação, utilizando os conceitos de classificação e enquadramento para descrição e análise dos contextos educacionais em exame.
COSTA, Maria Silvia da.	2000	M Ed	Repensando o processo de formação continuada dos professores da educação de jovens e adultos no município de Maceió	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa e reflete o processo de formação continuada dos professores da EJA no município de Maceió. - Apesar do processo de formação continuada desses professores acontecer há cinco anos, as mudanças apresentadas ainda são pouco significativas. - Analisa esse processo a partir de três conceitos básicos: mudança, saber docente e práxis. - Apresenta algumas possibilidades no sentido de um repensar dessa formação continuada, a partir do paradigma do professor como um profissional reflexivo.
CUNHA, Charles Moreira.	2003	M Ed	O trabalho docente em equipe: tramas e processos vivenciados e significados atribuídos. A experiência do	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Registra a organização do trabalho docente em equipe e os significados atribuídos pelos professores diante desta perspectiva de trabalho. - O locus deste trabalho é um projeto de educação de jovens e adultos - Projeto de Educação de Trabalhadores - PET, em Belo Horizonte. - Elucidou uma variedade de tramas e processos vividos no trabalho, como (re) significações acerca do universo docente dentro da experiência em equipe.

			Projeto de Educação de Trabalhadores – PET		
DRESCH, Nelton Luis	2001	M Ed	A formação contínua de professores para o Ensino Fundamental regular noturno de jovens e adultos na escola: ações, tensões e contradições de uma política pública municipal	UFRGS	- Conta uma breve história acerca do cotidiano de um programa de formação contínua de professores municipais, na periferia da Grande Porto Alegre, que lecionam no SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos – proposta político-pedagógica de Ensino Fundamental Regular de Jovens e Adultos.
GODINHO, Ana Claudia Ferreira	2007	M Ed	Trajectoria formativa de educadoras de jovens e adultos: entre o formal e o não-formal	UNISINOS	- Aborda a relação entre a educação formal e não-formal na formação de educadores/as de jovens e adultos que atuam em projeto fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Educação Popular, na rede municipal de Gravataí - RS. - Analisa a relação entre as experiências formais e não-formais desses/as educadores/as e as implicações dessas trajetórias formativas sobre a identificação dos sujeitos com o campo educacional popular. - Os resultados obtidos apontam a dicotomia entre educação formal e não-formal, associando-as, respectivamente, à teoria e à prática.
LIMA, Flavia Barbosa.	2004	M Ed	Fatores contribuintes para o afastamento dos professores dos seus postos de trabalho, atuantes em escolas públicas municipais localizadas na região sudeste	UERJ	- Identifica fatores contribuintes para o afastamento dos professores dos seus postos de trabalho, que atuam na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, em 45 escolas públicas municipais, localizadas na Região Sudeste. - Foram pesquisados os afastados por licenças médicas temporárias, por readaptação profissional e por aposentadoria por invalidez e extraídos dados para a elaboração do perfil epidemiológico de morbidades dos professores. - A análise dos dados evidencia o processo de adoecimento do professor. Foi possível observar que a saúde do professor está tão vulnerável quanto a de outros trabalhadores de mesmo tipo de atividade ocupacional e que seu posto de trabalho está desumanizado, em virtude do ambiente físico e social em que suas atividades ocorrem.
OLIVEIRA, Dulce Maria de.	1999	M Ed	Entre um chão de contradições e um chão de sonhos: operários e professores em construção	UNISINOS	- Investiga os significados construídos através da experiência de ser professor ou professora de trabalhadores, dentro do espaço fabril, e em que medida esses significados podem contribuir para a dimensão humana, social e política da formação dos alunos dos Cursos de Licenciatura. - Os sujeitos da pesquisa são professores-estagiários dos Cursos de Licenciatura, realizando uma Prática de Ensino com trabalhadores de empresas localizadas na

					Grande Porto Alegre e no Vale do Rio dos Sinos, através do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos - Curso Supletivo de Trabalhadores - aprovado pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, organizado pela UNISINOS, em parceria com empresas.
PEIXOTO, Aromilda Grassotti.	2006	D Ed	Educação e trabalho – tecidos, costuras e bordados de uma docência desterritorializada que procura a saúde	UFRGS	- Trata de experiências docentes em território não escolar, vividas por professores e trabalhadores de outras áreas que não a da educação. - São dois projetos de educação de jovens e adultos que, ao serem cartografados, trazem a visibilidade diferentes possibilidades de se fazer da educação espaço produtor de trabalho criativo, de aprendizagem (tanto para alunos, quanto para professores) e de vida.
SANTOS, Karine dos.	2007	M Ed	A formação do sujeito e o sujeito da formação: a relação com o saber de professores de classes de educação de jovens e adultos de São Leopoldo/RS	UNISINOS	- Problematisa a relação que professores de classes de EJA estabelecem com o saber e com o ofício docente. - Resultados de investigação indicam que o campo de estudos que investiga a relação com o saber pode se constituir em ferramenta importante para se pensar a formação de professores, considerando a necessidade de espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, no projeto de formação, pois estes espaços abrem a possibilidade de apropriação do sentido da história, tanto pessoal, quanto profissional do docente e de construção de maneiras de ser e estar na profissão.
SILVA, Analise de Jesus da.	2007	D Ed	Significado(s) atribuídos por jovens estudantes pobres às práticas pedagógicas denominadas inovadoras por seus professores	UFMG	- Investiga significados atribuídos por jovens estudantes, com idades entre os 14 e 24 anos, pobres, às ações desenvolvidas por seus professores no cotidiano escolar, que se desenrolam em sala de aula, e são denominadas por estes como "práticas pedagógicas inovadoras", em escolas do turno da noite, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, no Programa Escola Plural. - Dois achados: a quase inexistência da abordagem das vivências dos sujeitos jovens estudantes pobres no contexto geral das escolas onde esta pesquisa se desenvolveu e o elevado número de jovens estudantes que não pertencem a coletivos, quer culturais, esportivos ou religiosos. - Foi constatada a escassez de bibliografia concernente a jovens estudantes sem inserção em movimentos coletivos
SILVA, Luciana da.	2003	M Ed	Formação de leitores adultos com escolarização irregular e extemporânea	UFMG	- Constatamos que a formação do profissional que atua em educação de jovens e adultos, constantemente, é feita por vias informais que não garantem a eficácia da sua atuação, ocasionando, assim, um entrave dentro do processo de ensino-aprendizagem. - Há uma contradição entre quem é o responsável pela formação dos docentes e quem na verdade, a concretiza, ou, seja, a real responsabilidade é dos cursos de formação - Magistério e Universidade
SIMIONATO, Margareth	1999	M Psic.	Representações sociais acerca da	UFRGS	- Busca compreender as representações sociais de alunos e professores sobre a alfabetização de adultos e como estas representações influenciam as práticas

Fadanelli.			alfabetização de adultos		educativas. - Sugere que a adoção e aprofundamento de um referencial teórico pelos professores junto à investigação das representações sociais que os alunos elaboram sobre si mesmos e sobre a alfabetização, subsidiam a efetiva compreensão e mudança das práticas pedagógicas.
VIERO, Anezia	2001	M Ed	A educação dos professores: reconstituindo as dimensões do trabalho do educador do serviço de educação de jovens e adultos de Porto Alegre	UFRGS	- Analisa a formação em exercício dos professores de Educação de Jovens e Adultos constituída no interior da proposta do SEJA de Porto Alegre e alimenta-se da perspectiva que fala de uma Educação de Jovens e Adultos desde o campo do direito social com propostas de educação continuada. - A concepção de ideologia, política e cultura articula-se na argumentação acerca dos procedimentos pedagógicos do cotidiano da Educação de Jovens e Adultos desde um entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção que implica em problematizar uma interpretação linear no diálogo entre a proposta teórica do SEJA e sua consecução no interior de um universo multifacetado de jovens e adultos.
VIEZZER, Simoni.	2005	M Ed	Aprendendo a ler/ver Televisão na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades	UFRGS	- Parte de algumas constatações e preocupações pessoais sintetizadas nestas duas questões: como a TV pode ser utilizada na e para a educação? Como precisa ser a formação dos professores para que isso aconteça? - Sugere que é necessário considerar os processos de formação inicial e continuada de professores, com o objetivo de qualificar o uso da TV na escola como um recurso estratégico para o desenvolvimento da consciência crítica de professores e alunos da Educação Básica.

TEMA 2 – ALUNO

AUTOR	DEFESA	TIPO	TÍTULO	INST.	ASPECTOS EM DESTAQUE
AGUIAR, Eliane Nascimento de.	2002	M Ed	A inserção dos jovens no mercado de trabalho (enfoque sobre os valores e princípios morais que regem essa inserção pesquisando os valores dos alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II – unidade de São	UERJ	- Busca problematizar o conceito de juventude, analisando alguns dados estatísticos relativos aos valores dos jovens no contexto atual e relacionando-os ao binômio Educação-Trabalho, através de pesquisa realizada com os alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II/RJ. - Um dos grandes desafios, hoje, é o de garantir a possibilidade de trabalho através da educação. - Necessidade de re-significar a interação juventude e escola, apontando para os desafios postos, hoje, para a construção de linhas de ação nessa área. - O trabalho faz uma abordagem crítica, quando investe na tentativa de discutir algumas possibilidades, visando a criar condições para orientar mais e melhor o jovem em busca de sua autonomia moral, da sua cidadania responsável, da

			Cristóvão III - RJ).		transformação social visando objetivar princípios e ideais para atingir a justiça e a igualdade social.
ARAÚJO, Maria Carla de Ávila.	2000	M Ed	Vivências escolares de jovens de um bairro da periferia de Belo Horizonte: um estudo exploratório das marcas da violência na constituição de suas identidades	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Investiga uma escola frequentada por jovens moradores de um bairro considerando violento pela comunidade e pelos próprios alunos. - Focaliza a experiência e as representações sociais dos jovens alunos com o intuito de compreender como eles constroem suas identidades, tendo a violência como pano de fundo em suas relações grupais e interpessoais. - Investiga até que ponto a violência vivenciada pelos jovens em seus locais de moradia, interferem em seus cotidianos, inclusive nas vivências escolares
COURA, Isamara Grazielle Martins.	2007	M Ed	A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Procura compreender os motivos que levam pessoas da Terceira Idade a voltar a estudar. - Identifica quais expectativas estes sujeitos têm em relação à escolarização e em que medida estas vêm sendo atendidas. - Pesquisa realizada com sete educandos, sendo três homens e quatro mulheres, com idades entre 60 e 81 anos no período da realização das entrevistas. - Aponta a escolarização como melhoria da qualidade de vida de pessoas da Terceira Idade.
FERNANDES, Mara Serli do Couto	2004	M Ed	Educações e Exclusões: Transitando e Catando Resíduos de Papéis e Aprendizagens	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Busca compreender da temática que envolve as singularidades de um grupo populacional específico – os catadores de papel – e problematiza com o campo da educação. - Identifica os distintos processos de aprendizagens produzidos pelos catadores de resíduos sólidos recicláveis, seja nas suas passagens pelos bancos escolares, seja na atividade da reciclagem (tendo no horizonte que esses sujeitos entrelaçam múltiplas exclusões: escolarização; formalidade do mundo do trabalho; entre outras).
FONTEBASSO, Maria Rosa.	2002	D Ed	Educação de jovens e adultos – tempo – aprendizagem	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Investiga o desejo de aprender em um grupo de sujeitos de um programa de EJA, bem como a procura e escolha de um referencial teórico que permitiu acompanhar a "atualização" desse desejo ao longo dos seus diversos tempos vividos - As conclusões apontam para algumas indicações de como se materializam as investidas da sociedade capitalista globalizada nos movimentos capilares sociais, no caso, nos sujeitos de um programa de educação de jovens e adultos, o que se mostrou de forma não monolítica, mas com ranhuras e falhas, o que permitiu ressaltar a máxima de que "nada está decidido" a respeito do sujeito e da subjetividade no seu processo de aprendizagem.
GARCIA, Elisete Enir Bernardi.	2005	M Ed	Um estudo sobre juventude e espaço-	UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Como a escola de Ensino Médio pode ser um espaço de protagonismo juvenil e se constituir “agora para a vida”?.

			tempo escolar		<ul style="list-style-type: none"> - Tenta captar o lugar da escola na vida dos jovens e o lugar dos jovens na vida da escola. Os interlocutores empíricos foram professores e jovens que se encontram no espaço-tempo do Ensino Médio de duas escolas públicas de São Leopoldo – RS. - O Ensino Médio carece de uma identidade própria no contexto do mundo globalizado e das políticas públicas, orientadas pelos organismos internacionais. - Rompe com a ideia da juventude ser um grupo homogêneo, com características comuns a uma idade e passamos a tratá-la como juventudes.
LEITE, Adriana Cristina Souza.	2007	M Ed	Visões de alunos jovens e adultos acerca de suas experiências em aprender ciências	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - São poucos os trabalhos que abordam a questão do ensino-aprendizagem em ciências entre alunos jovens e adultos. - Investiga as percepções de estudantes relacionadas as suas experiências em aprender ciências em um programa de EJA. - É fundamental promover um ensino de ciências sob uma perspectiva mais engajada politicamente, tornando-o mais democrático, estabelecendo-se um diálogo entre professores e alunos de modo a garantir uma participação genuína no processo de ensino-aprendizagem em ciências.
MACHADO, Flora Prata.	2004	M Ed	Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?	PUC / RJ	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo contextual voltado para o conhecimento do perfil sociodemográfico e cultural e das trajetórias escolares dos alunos matriculados na educação de jovens e adultos, especificamente no Projeto de Educação Juvenil – PEJ, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.
MARTINEZ, Maria Elena.	2006	D Ed	De volta à escola: escolarização e formas de sociabilidade dos jovens das camadas populares	PUC / RJ	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa as formas de sociabilidade de um conjunto de jovens, alunos e alunas do Ensino Médio para jovens e adultos da Argentina. - Resume as principais questões ao redor do tema dos jovens, suas práticas culturais e a relação com a escola surgidas de pesquisas feitas na Argentina e na América Latina durante a última década. - Considera o lugar das novas tecnologias de informação e comunicação na configuração das novas juventudes das camadas populares.
MULLER, Ana Claudia.	2002	M Ed	Narrativas Surdas: Entre representações e traduções	PUC / RJ	<ul style="list-style-type: none"> - Traz a experiência das traduções nas fronteiras das Culturas Surdas e Ouvintes - Traz a releitura e reescrita de representações da surdez e dos surdos a partir das contribuições do Pós-Colonialismo, dos Disability Studies e dos Estudos Surdos. - Parte de oito narrativas de surdos e surdas alunos/as de uma escola do Serviço de Educação de Jovens e Adultos da SMED/POA que estão concluindo sua escolarização em Língua de Sinais
NASCIMENTO, Carmen Teresinha Brunel do.	2001	M Ed	Jovens no ensino supletivo: reconstituindo trajetórias	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Investiga os motivos pelos quais uma parcela cada vez maior de jovens opta pelo ensino supletivo. - O rejuvenescimento, neste estudo, foi entendido como um processo complexo e multifacetado que parte de fatores socioeconômicos e se estende até as relações familiares, afetivas e culturais
OLIVEIRA, Mario	2004	M Ed	A diáspora	UERJ	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa a produção de sentidos da educação para as alunas e alunos de uma

Sérgio Teixeira de.			nordestina e a escola: entre a dispersão e o encontro		escola de EJA e os significados atribuídos aos conceitos de cidadania e escolarização. - Na interpretação dos dados levantados, se pode constatar a realidade da migração nordestina, em sua maioria, no contexto do espaço territorial brasileiro; as estratégias de sobrevivência encetadas por esses imigrantes; a rede de solidariedade que envolve as soluções em termos da busca do trabalho na metrópole e das relações afetivas; o valor atribuído por esses estudantes ao estar na escola e ao permanecer naquele espaço da ação educativa; e a construção de um sentido de pertença social e de cidadania que o ler e o escrever ia conferindo e esses alunos e alunas em sua busca por formação e profissionalização.
PARENTI, Maria Gabriela Façal.	1999	M Ed	Trabalhadores da construção civil e a experiência escolar: significados construídos em um curso de aperfeiçoamento profissional	UFMG	- Analisa os significados atribuídos por trabalhadores da construção civil à experiência escolar vivenciada em um curso de aperfeiçoamento profissional. - Discute a estrutura do curso e seu cotidiano, procurando contextualizar a experiência escolar vivenciada pelos sujeitos e busca resgatar os 40 anos de história do projeto.
PEIXOTO, Aromilda Grassotti.	2001	M Ed	Produção da vida nos encontros entre educação e trabalho. Uma cartografia do trabalho educativo	UFRGS	- É a cartografia da experiência educativa no mundo do trabalho vivida por professores de alunos com deficiência mental. Ao registrar experiências vividas, observadas ou contatadas, a cartografia foi revelando sensações e descobertas sobre o mundo e o trabalho, alterando a figura da preparação para o trabalho ou o treinamento de habilidades, tradicionalmente propostos na educação especial como estratégia para o ensino e defrontando o desafio da sobrevivência com a falta de construção de projetos de vida para jovens e adultos que costumam se manter tutelados pela perspectiva de mundo e trabalho dos familiares ou das instituições.
SANCHES, Janaina G.	2001	M Ed	Aspectos do envelhecimento em indivíduos encarcerados e as oportunidades educacionais no sistema penitenciário	UERJ	- Analisa as situações particulares em que se dão o envelhecimento humano e que, por sua vez, revelam-se como instância limítrofes que precisam ser estudadas por ainda não serem bem conhecidas. - Procurou saber como a educação tem se apresentado no âmbito penitenciário para os indivíduos que estão em processo avançado ou não de envelhecimento, especialmente nesse momento em que o tempo dedicado ao estudo também está sendo contabilizado para a remição da pena. - A opção pela instrução escolar quando alguns dos indivíduos se encontram encarcerados foi principalmente demonstrada pelo interesse e necessidade que eles têm em elevar o seu nível de instrução, além de terem o seu tempo 'desocupado' preenchido com alguma atividade.

					- A abordagem de uma educação gerontológica poderia ser incluída nos currículos da Educação de Jovens e Adultos/Educação à Distância.
SANTOS, Geovania Lúcia dos.	2001	M Ed	Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção em um programa de educação de jovens e adultos das camadas populares	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Privilegiando a narrativa de alunos egressos de um programa de EJA, a pesquisa voltou-se para a compreensão dos impactos que a vivência da exclusão precoce da escola e de uma experiência de escolarização tardia geram na vida de adultos das camadas populares. - Levanta elementos para verificar a pertinência de se considerar a EJA como um mecanismo que permite atenuar as consequências da exclusão social, contribuindo na luta em favor da efetivação da cidadania. - Verificou-se que a trajetória de escolarização dos sujeitos pesquisados configura-se como "percursos fortemente acidentados", marcados por inúmeros percalços e interrupções. - Evidenciou-se que a EJA promoveu a "potenciação" dos sujeitos, possibilitando-lhes o desenvolvimento de formas próprias de pensar, sentir e atuar.
SILVA, Maria Clemência de Fátima.	2005	M Ed	Bolsos cheios de tempo – uma leitura dos tempos tramados e vividos na educação de jovens e adultos.	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta uma reflexão acerca da construção da arquitetura dos tempos na EJA e sua implicação nas vivências escolares do educando. - Parte da ideia dos tempos escolares como tempos sociais, produzidos historicamente num contexto cultural. - Aponta e analisa aspectos que particularizam as vivências escolares dos tempos na EJA por sujeitos singulares, trabalhadores estudantes, inseridos em diferentes ciclos de vida que se interagem na escola.
SIQUEIRA, Janes Terezinha Fraga.	2004	D Ed	A Luta do Jovem Trabalhador e Estudante nas Escolas Estaduais de Porto Alegre/RS - Um Estudo de Caso	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Estuda as condições escolares e, ao mesmo tempo, de trabalho que vivem os jovens do Ensino Fundamental e médio das escolas públicas estaduais da cidade de Porto Alegre / RS. - Estuda também os significados que o trabalho tem para esses jovens, para seus pais e para seus professores. - Considera importante que a escola construa uma política geral para os jovens que trabalham e estudam. Uma escola que os ajude a permanecer na escola. Uma escola que construa um Projeto Político Pedagógico específico para os alunos trabalhadores estudantes. Que corresponda a política de EJA discutida nas Conferências Internacionais e nos Fóruns Nacionais que tratam dessa modalidade de ensino.
SOARES, Sonia Ribas de Souza.	2006	M Ed	As Contradições da Vida e do Trabalho dos Alunos da EJA em Porto Alegre – RS. Um Estudo de Caso	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta as contradições da vida e do trabalho dos alunos da EJA da Escola de Ensino Fundamental Estado Rio Grande do Sul - Porto Alegre – RS. Conhecendo e compreendendo como vivem os alunos egressos, qual o significado que atribuem ao estudo e ao trabalho e as possibilidades que esta educação proporcionou na organização da vida material dos mesmos. - Apresenta uma Proposta de Currículo para as escolas de EJA, e em especial a

					escola em estudo, como uma possibilidade para os jovens e adultos trabalhadores.
TAVARES, Ana Cristina Rodrigues.	1999	M Ed	As leituras do mundo e as leituras das palavras: buscando significados na escolarização de jovens e adultos	UFRGS	- Identifica e analisa alguns significados atribuídos à escolarização, do ponto de vista da aquisição da leitura e da escrita, por alunos do SEJA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.
VALE, Zoe Margarida Chaves.	2007	M Psic.	Encontros e desencontros entre os jovens e a escola: sentidos da experiência escolar na educação de jovens e adultos – EJA	UFMG	- Investiga a relação dos jovens com a escola e os sentidos que eles próprios atribuem à sua experiência escolar. - Os jovens se veem obrigados a procurar alternativas educacionais “mais rápidas” como cursos supletivos noturnos, ou interrompem seus estudos, gerando um círculo vicioso entre fracasso escolar e abandono do ensino regular. - O intuito foi compreender os sentidos da experiência escolar de EJA para os jovens e investigar se a escola atende a estas novas demandas juvenis, uma educação para/com os jovens.

TEMA 3 – CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

AUTOR	DEFESA	TIPO	TÍTULO	INST.	ASPECTOS EM DESTAQUE
ALVES, Evandro.	2001	M Ed	Escrita digital e educação de jovens e adultos: produzindo sentidos num encontro inusitado	UFRGS	- Pretende delinear os percursos de produção de sentidos presentes nas construções textuais realizadas por alunos jovens e adultos em processo de aquisição da língua escrita, na interseção com a tecnologia de escrita digital, mais especificamente no que diz respeito à editoração eletrônica. - Objetiva acompanhar o acoplamento interativo dos alunos da EJA com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e ponderar se esse inusitado encontro exerceria efeitos a produção de sentidos desses alunos e de que forma esses poderiam ser inferidos através da análise das suas construções textuais. - Os resultados trazem indícios que comprovam que haveria, num ambiente de aprendizagem demarcado pela dialogia e pela interseção com uma tecnologia de escrita digital, uma diversidade de posições de autoria, por parte dos sujeitos, à medida que esses inserem a si próprios e as suas construções textuais na corrente dialógica, em um movimento cuja materialidade se traduz, na construção textual, através de marcas referentes à intencionalidade, nem sempre consciente em nível da explicitação, desses sujeitos-autores
ALVES, Evandro.	2006	D Ed	Práticas de Escrita e Tecnologias Digitais	UFRGS	- Trata de uma problematização, a partir da filosofia da diferença de Deleuze e de Deleuze-Guattari, de práticas de escrita no encontro com as tecnologias digitais.

			na Educação de Adultos: novelas a-paralelas		<ul style="list-style-type: none"> - Aponta para uma constituição da escrita e de práticas de (ensino da) escrita concebendo a linguagem como um sistema independente do território em que se instaura como tal, centrado na individualidade biológica e com tendência a autopreservação identitária. - Engendram tensionamentos entre as imagens que concernem às práticas de escrita no transcurso de sua produção.
AQUINO, Gislaine Maria G.	2001	M Ed	O olhar do aluno adulto sobre sua trajetória: (re)significando o ensinar e o aprender	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Aprofunda a discussão sobre as diferentes pesquisas já realizadas que tentam explicar ou justificar que as condições socioeconômicas são fatores determinantes no desempenho escolar. - Analisa e estuda as razões do elevado índice de permanência dos alunos nas etapas de alfabetização e investiga suas concepções sobre os fatores que interferem na aprendizagem. - Os adultos pesquisados demonstram condições cognitivas aquém de suas possibilidades, o que de alguma maneira foi reforçado por suas condições emocionais e sociais, e por conseguinte interferem nas suas condições pedagógicas. Os professores desses alunos, por outro lado, nas suas falas, deixam transparecer práticas tradicionais, que foram e são questionadas pela Educação Popular.
ARAÚJO, Denise Alves de.	2001	M Ed	O Ensino Médio na educação de jovens e adultos: o material didático de matemática e o atendimento às necessidades básicas de aprendizagem	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Focaliza o currículo de matemática expresso nos materiais didáticos produzidos por escolas que oferecem o Ensino Médio para jovens e adultos. - As estratégias para atribuir significado ao conhecimento matemático, as habilidades que podem ser desenvolvidas por meio das atividades propostas e os valores que perpassam todas essas escolhas mostram que, se por um lado o currículo construído para esse segmento ainda contribui para reforçar a exclusão, por outro algumas inovações já são visíveis.
CABRAL, Viviane Ribeiro De Souza.	2007	M Ed	Relações entre conhecimentos matemáticos escolares e conhecimentos do cotidiano forjados na constituição de práticas de numeramento na sala de aula da EJA	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa relações estabelecidas pelos alunos e pelas alunas da EJA entre conhecimentos matemáticos veiculados pela escola e aqueles que se forjam em instâncias diversas da vida social. - Abandona a expressão “conhecimento prévio” e adota a perspectiva de conhecimento como construção social, fruto dos diálogos, por vezes conflituosos, por vezes conciliadores, entre modos de conhecer.
CARDOSO, Cleusa de Abreu.	2002	M Ed	Atividade matemática e práticas de leitura na	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Investiga possibilidades de relação entre a atividade matemática e as práticas de leitura em sala de aula. - Os protagonistas do ato de ler e do fazer matemática são alunas e alunos da

			sala de aula: possibilidades na educação escolar de jovens e adultos		Educação de Jovens e Adultos que cursam o 1º segmento do Ensino Fundamental numa escola pública da Rede Municipal de Belo Horizonte. - Essa análise procura reunir elementos e mesmo construir argumentos para alimentar a reflexão sobre contribuições do ensino da Matemática escolar na formação de leitores jovens e adultos.
CASTILHO, Ana Paula Leite.	2004	M Ed	A complexidade da avaliação formativa na educação de jovens e adultos trabalhadores	UFMG	- Analisa a avaliação formativa na educação de jovens e adultos trabalhadores, tendo como campo de pesquisa um projeto de EJA de uma escola pública de Belo Horizonte. - Considera importante a articulação EJA, trabalho e avaliação, considerando os saberes dos alunos que são adquiridos/produzidos no trabalho, em que se torna possível a valorização da subjetividade do trabalhador. - O mundo do trabalho não se constitui como um eixo que norteia o projeto de EJA.
CASTRO, Luís Roberto Cezar de.	2006	M Ed	Narrativas sobre a matemática escolar produzidas por alunos de um curso noturno de educação de jovens e adultos	UNISINOS	- Analisa narrativas sobre a Matemática escolar, com elementos da cultura de um grupo de alunos. - A pesquisa foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental de um curso noturno de um Programa de Educação de Jovens e Adultos, da Escola Carlos Antônio Wilkens, situada no bairro Veranópolis, no município de Cachoeirinha, estado do Rio Grande do Sul.
COMERLATO, Denise Maria.	2005	D Ed	Ação Gráfica: a representação como experiência simbólica e cognitiva	UFRGS	- Busca ampliar a compreensão dos processos de aprendizagem de jovens e adultos em escolarização inicial, especialmente no que diz respeito à ação gráfica – enquanto experiência de uso e de manipulação dos símbolos -, tendo em vista aprofundar em que e como as representações gráficas contribuem para produzir formas de ver o mundo, de lógicas para compreendê-lo, organizá-lo, produzi-lo, atuar mesmo nele.
CORRAL, Carla Maria Fernandes	2005	M Ed	Partilhando olhares: perspectivas da arte na educação de jovens e adultos do CMET Paulo Freire	UFRGS	- Aborda os sentidos produzidos nas aulas de Artes Visuais para jovens e adultos das Totalidades Iniciais do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET Paulo Freire), centro de EJA vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. - Os sujeitos perceberam-se seres-fazedores que, com o resultado de seu fazer, tornam-se seres-sabedores-de-beleza. Os alunos foram para a aula de Artes Visuais e encontraram, talvez, outros sentidos para si mesmos, para a vida. Sentidos produzidos para além das aulas.
FARIA, Juliana Batista.	2007	M Ed	Relações entre práticas de numeramento mobilizadas e em constituição as interações entre os	UFMG	- Analisa relações entre práticas de numeramento que se estabelecem nas interações entre os sujeitos da EJA, no intuito de compreender como se mobilizam e se constituem práticas de numeramento em eventos de numeramento ocorridos na sala de aula da EJA. - Busca evidenciar, particularmente, as intenções, motivações e expectativas dos educandos jovens e adultos que concorrem para o estabelecimento de tais

			sujeitos da educação e jovens e adultos		relações.
FAZZI, Jose Luiz.	2007	D Ed	Itinerários formativos e curriculares na educação de jovens e adultos	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa itinerários formativos de adultos, através de uma análise aberta, dialética e relacional no campo da educação de jovens e adultos. - Itinerários formativos são os processos constituintes de um percurso de formação que estão presentes nas práticas educativas envolvendo professores, adultos, jovens, instituições e sistema escolar. - Analisa o Projeto de Educação de Trabalhadores (PET) da Escola Municipal União Comunitária e o trabalho de EJA da Escola Municipal Caio Líbano Soares, na Rede de Ensino de Belo Horizonte.
GIORDANI, Liliane Ferrari.	2003	D Ed	"Quero escrever o que está escrito nas ruas": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Discute as representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores – Paulo Freire. - A pesquisa se propõe em dialogar com as narrativas dos surdos na concepção de letramento para além da escolarização. - Revisita o espaço pedagógico onde estão inscritos os narradores da pesquisa. Esta intencionalidade não centra sua preocupação no pedagógico e sim nas coisas da vida, nas escritas da rua que nos dizem do que a escola não diz.
GUSTAVO, Sita Mara Santana.	2000	M Ed	O ensino da língua materna para jovens e adultos trabalhadores: a busca de novos sentidos	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - Enfoca uma experiência desenvolvida no processo de Ensino de Língua Materna para os alunos do Programa de Ensino Fundamental para Jovens e Adultos Trabalhadores (PEFJAT), instituído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. - A escola promete vivências e reflexão sobre a língua, em situações reais de produção, nas quais os alunos percebiam deslocamentos possíveis, autorizando-se a ocupar outros lugares de dizer que não sejam somente os das instâncias da exclusão
JARDIM, Rafael Peruzzo	2002	M Ed	A travessia do leitor: leitura e memória nas vozes de alunas adultas	UFRGS	<ul style="list-style-type: none"> - A pesquisa trata da formação do leitor adulto. - A análise é feita com dois objetivos: evidenciar relações entre a história de vida e a história de leitura; mostrar os efeitos de sentido em suas relações com diversos pré-construídos do sujeito-leitor adulto. - Observa que as condições para a ampliação das práticas de leitura, e consequentemente das condições de letramento desse sujeito, não estão dadas nos seus contextos sociais, cabendo à EJA promovê-la de modo condizente.
JORGE, Gláucia Maria dos Santos.	1999	M Ed	A sala de aula na educação de jovens e adultos: processos interativos	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa a produção de sentidos que é determinada pelas condições de produção do discurso e pelo uso da linguagem como poder dentro do mercado linguístico escolar. - Os sujeitos deste estudo foram seis alunos, adultos, que estudavam no projeto supletivo do centro pedagógico da UFMG. - A pesquisa aponta para a necessidade das escolas, como um todo, atentarem para o poder da linguagem e os "ritos de instituição".

JOUGLARD, Rejane Bachini	2002	M Ed	Em nome da cooperação solidária na promoção da escolarização de jovens e adultos: uma análise do programa educação de jovens e adultos do Sesi Pelotas de 1997 a 2000	UFRGS	- Analisa os efeitos do Programa Educação de Jovens e Adultos promovido pelo Serviço Social da Indústria - SESI - por meio de Cursos Preparatórios de Ensino Fundamental e Médio para os Exames Supletivos da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEC/RS) e seus efeitos na vida dos alunos. - Discute as ações de escolarização básica que o SESI, órgão do setor privado aliado ao público, vem desenvolvendo na cidade de Pelotas. Uma experiência que se coloca na urgência de análises sobre o 'público e o privado' na EJA.
LEITÃO, Cleide Figueiredo.	2002	M Ed	A circularidade de saberes e o exercício de poder – experiência dos coletivos de auto-formação	UERJ	- Busca identificar questões da formação de educadores/as de jovens e adultos, relativamente à noção de circularidade de saberes, lidando com saberes diversificados enraizados histórica e culturalmente, sem hierarquizá-los, mas negociando versões e a possibilidade de exercício de um poder mais democrático nas práticas de formação.
LIMA, Lúcia Leocádia Veiga.	2001	M Ed	A ação educativa com jovens e adultos: um estudo das significações do currículo no "lugar" sala de aula na experiência do SEJA - POA	UFRGS	- Identifica e analisa na ação educativa com jovens e adultos algumas das significações do currículo no "lugar" sala de aula, do SEJA - POA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos de Porto Alegre). - A pesquisa caracterizou-se por um olhar prolongado da sala de aula na interação com a realidade dos sujeitos da pesquisa, caminho de pesquisa facilitado pela atividade desempenhada junto ao SEJA - POA como apoiadora pedagógica deste local.
LIMA, Priscila Coelho.	2007	M Ed	Constituição de práticas de numeramento em eventos de tratamento da informação na educação de jovens e adultos	UFMG	- Analisa a mobilização e a constituição de práticas de numeramento em eventos de Tratamento da Informação na EJA. - Analisa a mobilização e constituição de práticas de numeramento no confronto das expectativas, saberes e vivências dos alunos com as concepções e vivências dos demais colegas e com o conhecimento matemático escolar, na elaboração de relações com a quantificação, impregnadas de valores, de caráter político, social, econômico e cultural.
MONTEIRO, Tatiana Reis Fontes.	2006	M Ed	Práticas de letramento e inclusão social: o caso de uma classe do ciclo II de Educação de Jovens e Adultos	PUC / RJ	- Procura suprir a lacuna nos estudos de Linguística Aplicada, revelando uma experiência de práticas pedagógicas em uma classe do Projeto Vida Nova. - Analisa a produção textual de quatro alunos da turma em três momentos. - Indica que os caminhos que levam o aluno a dominar a escrita passam por um compromisso de trabalho com a linguagem, no qual ele se identifica como sujeito do discurso.
NASSR, Paula	2002	M Let.	Palavra de	UFRGS	- Analisa textos de alunos do SEJA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos),

Terra.			trabalhador: em busca de uma autoria		de modo a verificar se há autoria nesses textos. Entende-se autoria, nessa pesquisa, como processo relacionado à produção da linguagem, de maneira que o sujeito para estar na posição de autor deverá representar-se na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição. - O espaço para autoria surge quando o sujeito-aluno tem a possibilidade de falar sobre temas que para ele fazem sentido (sua vida, sua realidade).
PENTEADO, Cléa.	2001	M Ed	A arte e a educação na escola: os caminhos da apreciação estética dos jovens e adultos	UFRGS	- Apresenta um estudo da apreciação estética de jovens e adultos que se encontram na escola com a intenção de concluir seus estudos no Ensino Fundamental. - A apreciação estética dos jovens e adultos mostra-se, através da escolha de imagens, que, quando analisadas, nos surpreendem, pois nos revelam um olhar voltado à realidade e uma apreciação sensível, humana e profundamente ética.
PEREIRA, Rosana Horta Tavares.	2004	M Ed	Estratégias do ensino de leitura utilizadas em sala de jovens e adultos do Ensino Médio	UFMG	- Este trabalho tem por objetivo analisar os recursos utilizados pelos professores, no processo de construção de significados dos textos lidos em uma mesma sala de aula de Jovens e Adultos do Ensino Médio-noturno, como estratégias do ensino de leitura. - A pesquisa foi desenvolvida no Curso Marista de Educação de Jovens e Adultos, Colégio Marista Dom Silvério, situado em Belo Horizonte. - Indica considerações relevantes quanto à construção do sentido global e do sentido literal dos textos que os professores mostraram através de suas estratégias de ensino desenvolvidas com as atividades de leitura, além da interação evidenciada nos processos de ativação do conhecimento prévio dos alunos jovens e adultos do Ensino Médio.
PRIGOL, Cassilda Saete	2006	M Ed	Tempos e espaços de produção de saberes de alunos da educação de jovens e adultos (EJA).	UNISINOS	- Apresenta como objeto de reflexão a produção de saberes de alunos da EJA. - Ressalta-se que os espaços de produção de conhecimento estão além da instituição escolar e precisam ser considerados principalmente na educação de adultos.
RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho.	2006	D Mús.	Música na Educação de Jovens e Adultos: um estudo sobre práticas musicais nas relações geracionais de estudantes	UFRGS	- Compreende como se articulam práticas musicais de estudantes da EJA. - Aborda sobre questões de repertório, divergências e convergências de interesses, entre universos musicais de estudantes de distintas gerações no contexto educacional da EJA. - Investiga sobre práticas daqueles/as que não se encontram em idade considerada "ideal" para iniciar ou aprofundar sua formação escolar nessa área, embora a apropriação e a transmissão da música ocupe um lugar importante em suas cotidianidades.
SILVA, Claudionir Borges da.	2003	M Geo.	Cenário armado, objetos situados: o estudo da geografia	UFRGS	- Apresenta atividades didáticas envolvendo a Língua Brasileira de Sinais com o intuito de estabelecer uma relação de mútuo reforço entre o ensino de Geografia e a utilização da leitura e escrita da língua portuguesa a partir da inclusão de

			na educação de surdos		alunos surdos em uma escola de Ensino de Jovens e Adultos.
SIQUEIRA, André Boccasius.	2004	M Ed	Aproveitando os saberes de jovens e adultos sobre plantas medicinais	UNISINOS	- Estuda saberes populares no currículo de Ciências no Ensino Fundamental. - Como a recuperação e a valorização de práticas sociais relacionadas com o uso de chás, presentes na comunidade escolar, podem facilitar a leitura de mundo de estudantes trabalhadores?
WANDERER, Fernanda.	2001	M Ed	Educação de jovens e adultos e produtos da mídia: possibilidades de um processo pedagógico etnomatemático	UNISINOS	- Analisa um processo pedagógico que vinculou a Matemática escolar com elementos da cultura de um grupo de alunos. A pesquisa foi desenvolvida para compreender e analisar as potencialidades, na Educação de Jovens e Adultos, de um processo pedagógico etnomatemático centrado em produtos da mídia.

TEMA 4 – POLÍTICAS PÚBLICAS DE EJA

AUTOR	DEFESA	TIPO	TÍTULO	INST.	ASPECTOS EM DESTAQUE
BALEM, Nair Maria.	2001	M Ed	A construção do alfabetismo de jovens e adultos em Frederico Westphalen/RS – uma análise sócio-histórica e cultural.	UNISINOS	- Investiga de que forma a sociedade, a cultura, a escola e a religiosidade vêm historicamente intervindo na construção ou não do alfabetismo no município de Frederico Westphalen - RS, focalizando medidas adotadas com vistas ao investimento e ao incentivo em/à EJA bem como discutindo a contribuição histórico-cultural das experiências nessa área, com vistas a identificar a produção social do alfabetismo, fenômeno abordado em intercomplementaridade com o analfabetismo. - As conclusões apontam para a existência de relações entre a configuração sócio-histórica, religiosa e cultural e a construção do alfabetismo em Frederico Westphalen, sinalizando para inter-relações existentes entre a natureza cultural de um povo e a construção do alfabetismo na sociedade em que ele se insere
BOFF, Leonir Amantino	2002	M Ed	As políticas públicas de educação de jovens e adultos no estado de Mato Grosso	UFRGS	- Analisa as políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos implementadas no Estado de Mato Grosso no período 1991/2001, no contexto da Década de Educação para Todos, sua internalidade, relações e diálogos produzidos com o mundo da vida dos jovens e adultos em três escolas pesquisadas. - As análises feitas concluem que embora o Estado de Mato Grosso tenha desenvolvido uma política de EJA com base no modelo supletivo, e muito aquém da proposta da Década de Educação para Todos, as Escolas desenvolveram experiências de rompimento e superação ao modelo implantado, tendo como base o diálogo e as negociações.
CAMPOS, Edna	2003	M Ed	A influência dos	UFMG	- Busca os motivos da infrequência dos alunos trabalhadores jovens e adultos em

Lúcia Ferreira.			alunos adultos trabalhadores em processo de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais		<p>curso de alfabetização da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando de sua busca pela (re)escolarização.</p> <p>- Este trabalho procurou refletir sobre a estreita ligação entre educação e trabalho e sobre a importância do processo de alfabetização na formação do ser humano.</p> <p>- Focou-se a prioridade em conhecer e entender as políticas públicas educacionais prescritas para aqueles que possuem pouca ou nenhuma escolaridade e também as novas exigências demandadas pelo mercado de trabalho.</p> <p>- Os motivos para estarem infrequentes estão relacionados a questões ligadas ao trabalho, ao funcionamento do curso, a problemas de saúde e a outras, de ordem pessoal.</p>
CHAGAS, Marcos Antonio Macedo das.	2003	M Ed	Educação de Jovens e Adultos: a experiência do PEJ no Município do Rio de Janeiro	PUC / RJ	<p>- Analisa o programa de educação fundamental, denominado Projeto de Educação Juvenil (PEJ), da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro;</p> <p>- Busca apreender como está se estruturando, no interior deste Projeto, as relações entre jovens e adultos.</p>
CHAMORRO, Carla Cristine Wittmann.	2002	M Ed	Alegria na escola noturna: um sonho possível!	UNISINOS	<p>- Sugere e analisa possibilidades de mudança no processo pedagógico de alunos jovens e adultos que estudam à noite, numa escola pública de Ensino Fundamental, em Morro Reuter (RS), com o objetivo de diminuir os índices de evasão e repetência neste município.</p> <p>- Sugere-se o redimensionamento dos espaços na escola, sustentado no pressuposto de que a alegria é condição para a construção de uma escola humanizadora e de que vivências que interditam a alegria na escola são possíveis causas do fracasso escolar nas séries finais do Ensino Fundamental, no ensino noturno.</p>
COSTA, Ana Luiza Jesus da.	2007	M Ed	À Luz das Lamparinas. As escolas noturnas para trabalhadores no Município da Corte (1860-1889)	UERJ	<p>- Analisa a experiência histórica das escolas noturnas de instrução primária para trabalhadores no Município da Corte entre os anos de 1860 a 1889.</p> <p>- No momento de sua implantação a educação para jovens e adultos trabalhadores foi estabelecida como dádiva, fruto da “boa vontade” de elites dirigentes ou intelectuais, cujo sentido não foi, afinal, resolver o problema da instrução do trabalhador, problema este colocado pelas próprias elites, mas sim a instituição de uma hierarquia dos saberes socialmente dominantes, logrando</p>

					delimitar a figura do chamado “analfabeto” como aquele que não possuía tais saberes em seu nível mais básico.
LUCIO, Iara Silva.	2007	M Ed	Os significados da alfabetização e do letramento para adultos alfabetizados	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Discute a interrupção do processo de escolarização na EJA, a partir da análise das expectativas e dos significados de alunos egressos de um projeto de EJA em relação à alfabetização e ao letramento. - Analisa a visão dos participantes sobre o analfabetismo, focalizando as representações do significado de ser analfabeto num grande centro urbano e observando a aquisição das habilidades de leitura e de escrita como condicionantes para a interrupção do processo de escolarização - Cada participante deixou o projeto de EJA porque, do seu ponto de vista, houve uma “conclusão” de um processo, ou seja, os sujeitos admitiram deter um estatuto de sujeito letrado. - É necessário, primeiramente, conhecer as reais demandas que os adultos analfabetos e recém-alfabetizados têm em relação à aquisição da escrita, bem como compreender como eles se percebem como sujeitos da EJA.
MELLO, Rita Tavares de.	2002	M Ed	Um estudo sobre o letramento no Programa de alfabetização de jovens e adultos (PROAJA) no município de Montes Claros	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa as concepções de letramento que vêm orientando a prática pedagógica das professoras do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos – PROAJA, da Rede Municipal de Educação na cidade de Montes Claros (MG). - Analisa a concepção de letramento que orientava a prática pedagógica das professoras, no processo de alfabetização de jovens e adultos, através de observação de suas atividades pedagógicas, no cotidiano da sala de aula; como também buscou-se identificar, através do relato oral de vida das professoras, que fatores em sua formação e trajetória da carreira determinaram a inserção e vivências na EJA. - As concepções de letramento das professoras ora se revelaram reconhecendo que as habilidades de leitura e escrita são habilidades que podem contribuir tanto para reforçar quanto para questionar os valores, as relações sociais presentes no mundo social.
MONTEIRO, Márcia Helena Nunes.	2000	M Ed	A natureza política do processo educativo na alfabetização de jovens e adultos: um estudo exploratório de professoras alfabetizadoras bem sucedidas	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Analisa, na trajetória do Ministério da Educação, no período de 1930 a 1994, como a leitura e a formação de leitores tem se situado nos registros oficiais e quais concepções vem orientando suas ações nesse campo. - Denota a existência, tanto nos períodos em que vigora o regime autocrático quanto democrático de governo, de um mesmo modelo de formulação política, marcada pela sucessão de atos governamentais de criação, redirecionamento, extinção e recriação de estruturas administrativas que vem ao longo do tempo se ocupando basicamente da mera distribuição de livros.
PEREIRA, Marina Lúcia de	2002	M Ed	Um estudo sobre um processo de	UFMG	- Descreve e analisa o tipo de letramento que é construído num contexto específico de um Projeto de EJA.

Carvalho			construção do letramento na educação de jovens e adultos		<ul style="list-style-type: none"> - O Projeto tem sua origem na organização sindical dos trabalhadores de uma região operária em Belo Horizonte. - Para compreender o tipo de letramento que é construído nesse contexto específico, buscamos captar dois movimentos centrais: o discurso que os sujeitos possuem em torno da escrita e de seu aprendizado e os eventos organizados em torno do uso e da aquisição da escrita no processo de alfabetização. - O tipo de letramento que é construído nesse contexto específico se define a partir de um conjunto de fatores que se referem principalmente às experiências sociais, culturais e históricas de relação com a escrita dos sujeitos e aos processos educativos em torno da aquisição e do uso da escrita pensada no Projeto.
RODRIGUES, Giovana de Sousa.	2003	M Ed	A alfabetização de jovens e adultos do MST, na perspectiva das variedades linguísticas	UFMG	<ul style="list-style-type: none"> - Levanta e analisa os posicionamentos acerca das variedades linguísticas, em materiais impressos e na prática docente da Alfabetização de Jovens e Adultos do MST, a partir da experiência de um acampamento, localizado no município de Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte. - Constatou-se, pela análise, um tratamento diversificado das variedades linguísticas. - Para a superação desse quadro contraditório, aponta-se a necessidade de a língua ser tratada não como um mero instrumento ou código a ser adquirido para o acesso a conhecimentos de natureza não linguística, mas como objeto do conhecimento e de intervenção social.
SANTOS, Cleusa Maria Denz dos	2006	M Ling. Aplic.	Identidades evidenciadas na fala-em-interação em aulas de alfabetização de jovens e adultos	UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Investiga, a partir da fala-em-interação, a co-construção de identidades evidenciadas no decorrer de interações em aulas de alfabetização de jovens e adultos da modalidade EJA. - Acredita-se que possa ser um primeiro passo para olhar a sala de aula de EJA de forma diferenciada, a partir da perspectiva dos participantes, construindo possibilidades para rever o tão complexo trabalho com jovens e adultos com expectativas diversas e múltiplas identidades.
SOUZA, Graça Helena Silva de.	2005	M Ed	Educação de jovens e adultos: estudo de caso no centro de estudos supletivos / SENAI	UERJ	<ul style="list-style-type: none"> - O estudo de caso foi realizado no Centro de Estudos Supletivos / SENAI, localizado no bairro do Maracanã, zona norte do município do estado do Rio de Janeiro. - Resgatou alguns elementos históricos do cenário político e educacional desde a década de 1970, período em que os primeiros Centros de Estudos Supletivos foram implantados no estado. - Reflete sobre descontinuidades e fragmentações causadas por sucessivas

					interrupções na trajetória escolar dos sujeitos jovens e adultos e algumas relações com o ensino semipresencial ofertado pelo sistema.
--	--	--	--	--	--

TEMA 5 – EDUCAÇÃO POPULAR

AUTOR	DEFESA	TIPO	TÍTULO	INST.	ASPECTOS EM DESTAQUE
MELO, Lucimauro Fernandes de.	2006	M Ed	Do letramento ao corpo em movimento: um estudo sobre a educação física inserida numa proposta de educação popular	UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Busca analisar em que medida o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, de Palmeira das Missões/RS, tem contribuído para que os educandos que o frequentam projetem suas vidas para o letramento, através de uma relação estabelecida com a Educação Física numa abordagem com a Educação Popular. - Conclui que na prática da Educação Popular na Educação Física a conscientização vai acontecendo à medida que o trabalhador vai sendo exigido na sua totalidade, participando das atividades de movimento, das reuniões em que ele vai percebendo-se sujeito dessa construção, em que ele tem direito a vez e à voz, quando necessita tomar decisões para si e para o coletivo.
MONTEIRO, Wanderléia Torma.	2007	M Ed	Fios de uma história: entrelaces em experiências de educação de jovens e adultos em Duque de Caxias (anos 1980/90).	UERJ	<ul style="list-style-type: none"> - Busca interpretar, sob uma perspectiva histórica, algumas importantes iniciativas em educação de jovens e adultos realizadas a partir dos anos 1980 e durante os anos de 1990, na cidade de Duque de Caxias. - Foram realizadas ações conduzidas pelos movimentos sociais. - Os resultados finais dessa pesquisa apontaram para a existência de um entrelaçamento entre as iniciativas, formando uma rede de significados na educação de jovens e adultos implementada na cidade.
PAVAN, Ruth	2005	D Ed	A reflexão dos professores e professoras da educação de jovens e adultos sobre exclusão social	UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a reflexão dos professores e professoras da EJA sobre a exclusão social na sociedade brasileira atual. - Inscreve-se na teoria crítica, teoria segundo a qual a exclusão não é provocada pelo indivíduo, mas fruto das relações da sociedade capitalista. - A pesquisa traz as contradições como constituidoras tanto da sociedade como das posturas assumidas pelas professoras, concluindo que os/as professores/as, por viverem num contexto marcadamente neoliberal, têm dificuldade de refletir criticamente sobre os processos de exclusão, isto é, têm dificuldade de perceber as razões históricas e conjunturais da exclusão.
SCHROEDER, Pedro Canísio.	2004	M Ed	Empoderamento: formação cidadã em fé e alegria	UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve-se a partir de três experiências educacionais (Peru, Colômbia e Brasil) do Movimento de Educação Popular Integral e Promoção Social, uma Federação Internacional. O Movimento atua no campo da Educação Popular com programas de educação formal, não formal e informal e sua proposta é desenvolver com os mais pobres uma educação que seja da melhor qualidade possível.

					- As instituições proporcionam uma educação empoderadora de sujeitos para exercerem a sua cidadania em conjunto com os demais.
SILVA, Rodrigo Torquato da.	2007	M Ed	Educação popular na favela - Uma pesquisa no/do/com o cotidiano do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha	UERJ	- A proposta deste trabalho é fazer um mergulho nas redes de ações coletivas que atribuem sentidos políticos e pedagógicos aos processos de sociabilidades na favela da Rocinha. - Trata-se de uma pesquisa nos/dos/com os cotidianos de um movimento social de educação popular, o Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha (PVCR), situado em uma das maiores favelas da América Latina. - Busca compreender como o PVCR contribui para a emancipação social e intelectual.
TITO, Neuza Geralda.	2005	M Ed	A classe trabalhadora e a construção de propostas de educação humanizadora: uma leitura da experiência do Projeto Evolução	UNISINOS	- O Projeto Evolução, objeto deste estudo, é uma experiência de educação entre trabalhadores/as e foi elaborado por entidades sindicais filiadas à Central Única dos Trabalhadores (CUT). - Analisa e identifica elementos de valorização das experiências dos/as participantes na construção de sua prática pedagógica no Projeto.
VIEIRA, Maria Clarisse.	2006	D Ed	Memória, história e experiência: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil	UFMG	- Compreende as contribuições do legado da educação popular à área de EJA no Brasil, por meio da análise das trajetórias pessoais e profissionais de educadores. - Sinaliza o quanto essa área se encontra marcada pela tentativa de superação das diferentes formas de discriminação e exclusão existentes em nossa sociedade, e indicam como legados da educação popular o sentido ampliado da EJA; a referência ao pensamento de Paulo Freire; o diálogo como atitude essencial na relação educadores e educandos; o respeito ao saber popular como ponto de partida na ação educativa; e a dimensão política da educação, hoje expressa como direito de todos a uma educação de qualidade.

M Ed = Mestrado em Educação

D Ed = Doutorado em Educação

M Psic. = Mestrado em Psicologia

M Ling. Aplic. = Mestrado em Linguística Aplicada

M Let. = Mestrado em Letras

M Geo. = Mestrado em Geografia

D Mús. = Doutorado em Música

APÊNDICE 2

ESCOLA – Pauta de Observação de Campo

Nome da Escola: _____

1. Avalie o estado de conservação dos itens do prédio abaixo discriminados e classifique-os como *adequado, regular, inadequado* ou *inexistente*.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO PRÉDIO

ITENS	ADEQUADO	REGULAR	INADEQUADO	INEXISTENTE
1.1 Telhado				
1.2 Paredes				
1.3 Piso				
1.4 Portas e janelas				
1.5 Banheiros				
1.6 Cozinha				
1.7 Instalações hidráulicas				
1.8 Instalações elétricas				

2. Avalie os seguintes aspectos em relação às salas de aula, marcando *sim* ou *não*.

CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO DAS SALAS DE AULA

ASPECTOS	SIM	NÃO
2.1 São iluminadas		
2.2 São arejadas		
2.3 O volume dos ruídos externos prejudica a concentração dos alunos		

3. Avalie os seguintes aspectos em relação à limpeza dos espaços, classificando-a como *boa* ou *ruim*.

LIMPEZA

ITENS	BOA	RUIM
3.1 Entrada do prédio		
3.2 Paredes externas		
3.3 Portas e janelas		
3.4 Pátio		
3.5 Corredores		
3.6 Salas de aula		
3.7 Banheiros		

4. Avalie os seguintes aspectos em relação à segurança dos espaços, classificando-a como *boa* ou *ruim*.

SEGURANÇA

ASPECTOS	SIM	NÃO
4.1 Existem muros, grades ou cercas em condições de garantir a segurança dos alunos		
4.2 Há policial ou vigia de forma permanente na escola		
4.3 Existe controle de entrada e saída dos alunos		
4.4 Existe controle de entrada de pessoas estranhas na escola		
4.5 A escola tem algum sistema de proteção contra incêndio		
4.6 As salas onde são guardados os equipamentos mais caros (computadores, projetores, televisão, vídeo etc.) têm dispositivos para serem trancadas		
4.7 A escola apresenta sinais de depredação		

5. Avalie o estado de conservação dos equipamentos abaixo discriminados e classifique-os como bom, regular, ruim ou inexistente.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

EQUIPAMENTOS	BOM	REGULAR	RUIM	INEXISTENTE
5.1 Televisão				
5.2 Videocassete				
5.3 Máquina fotocopadora				
5.4 Projetor de slides				
5.5 Retroprojetor				
5.6 Aparelho de DVD				
5.7 Impressora				
5.8 Aparelho de som				

6. Descreva o uso da Sala de Leitura nesta escola.

7. Descreva o uso do laboratório de informática nesta escola.

8. Considerando a infraestrutura da escola e suas condições gerais de funcionamento, como você avalia esta escola de maneira geral ?

- (a) Péssima
- (b) Ruim
- (c) Razoável
- (d) Boa
- (e) Ótima

APÊNDICE 3

SALA DE AULA – Pauta de Observação de Campo

Nome da Escola: _____

A – Aspectos preliminares da sala e dos atores sociais diretamente envolvidos

1. Dia/mês/ano: _____
2. Turma: _____
3. Professor (a): _____
4. Horário de início da observação: _____
5. Horário de término da observação: _____
6. Nº de alunos matriculados na turma: ____
7. Nº de alunos presentes: ____ , sendo: Masc (____) Fem (____)
8. Nº de alunos que chegam após iniciada a aula: ____
9. Nº de alunos que saem após iniciada a aula: ____
10. Características gerais dos alunos: (Descrever aspectos relacionados à aparência geral dos alunos, uso de uniforme, posse e estado de apresentação de materiais escolares, presença na turma de alunos com necessidades especiais. Outros aspectos relevantes que queira mencionar)

11. Características gerais do(a) professor(a): Sexo: () F () M
12. Idade aproximada: _____ anos
13. Descrever aspectos relativos à aparência, gestos, tom de voz, ânimo, organização pessoal etc.

14. Descrever se é o mesmo professor quem acompanha a turma desde o ano anterior. Caso contrário, perguntar sobre onde foi alocado o professor do ano anterior daquela turma, nome etc.

B – Aspectos organizacionais ou de gestão da sala de aula

1. Tempo real de ensino-aprendizagem

a) Início oficial: _____	c) Término oficial: _____	e) No. de interrupções: _____
b) Início efetivo da aula (*): _____	d) Término efetivo: _____	f) Tempo real total: _____

(*) Por início efetivo, considerar atividades como: professora coloca a data no quadro negro, verifica a realização de deveres, começa a explicar matéria, pede aos alunos que abram o livro na página tal etc. Desconsiderar, portanto, o momento inicial em que os alunos ficam “livres” em sala de aula enquanto a professora se mostra ocupada com outros afazeres (atender alguém na porta, fazer anotações etc.).

2. O professor(a) se ausenta da sala? () sim / () não – Se sim, quantas vezes?

3. Organização da rotina

O professor inicia a aula fazendo um planejamento do uso do tempo com os alunos, ou seja, definindo tarefas, explicitando prioridades e/ou fazendo/rememorando combinados com o grupo?

() sim / () não. Observações:

4. Organização espacial da classe: na maior parte do tempo observado, os alunos permaneceram organizados em: (a) fileiras individuais; (b) duplas; (c) pequenos grupos (3-4 membros); (d) grandes grupos (acima de 5 membros); (e) outras configurações/observações complementares:

5. Rituais de início da aula (marcar todas as opções que se fizerem presentes durante a observação):

O professor...	Sim	Não
a) Faz a chamada		
b) Verifica a realização de tarefas de casa		
c) Distribui materiais de uso coletivo		
d) Certifica-se se todos os alunos estão de posse dos materiais didáticos necessários à realização da atividade		
e) Outros		

C – Atividades didáticas (ou) situações de ensino-aprendizagem

1. Com respeito à forma com que o(a) professor(a) propõe os temas / atividades de aula, registre no quadro abaixo a(s) ocorrência(s) das seguintes situações:

O(a) professor(a)...	Sim	Não
a) Apresenta ou recorda junto aos alunos os objetivos da aprendizagem dos temas em pauta?		
b) Explica o que deveriam aprender nesta aula?		
c) Anuncia as atividades que irão realizar na aula?		
d) Faz perguntas/propõe desafios para introduzir os conteúdos?		
e) Recolhe experiências ou saberes dos alunos a respeito do tema e atividades em desenvolvimento?		
f) Relaciona o tema da aula com situações práticas/cotidianas?		
g) Relaciona tema ou atividade com conhecimentos/saberes prévios?		

2. Sobre o desenvolvimento da aula:

2.1) Descreva a sequência de atividades/temas tratados do início ao término da observação

Atividades/temas de ensino	Tempo investido (em minutos)
a)	
b)	
c)	
d)	
e)	
f)	
g)	
h)	
i)	
j)	
k)	
l)	

2.2) Assinale as estratégias metodológicas praticadas pelo professor, destacando a seguir as 06 (seis) principais, conforme o quadro abaixo:

Estratégias metodológicas utilizadas pelo professor durante a aula	Ocorreu na aula?		As seis Principais em cada bloco
	Sim	Não	
Estratégias metodológicas gerais			
a) Faz perguntas aos alunos			
b) Responde as perguntas dos alunos			
c) Esclarece termos/conceitos			
d) Usa o livro didático			
e) Realiza anotações no quadro-negro (significados, resoluções, instruções para as tarefas etc.)			
f) Revisa pontos anteriores do conteúdo quando algum aluno apresenta dificuldade com a matéria atual			
g) Distribui fichas extras com tarefas e exercícios			
h) Utiliza TV/Vídeo ou computador para trabalhar conteúdos relacionados ao tema em estudo			

i) Dá aos alunos instruções para trabalharem em grupo			
j) Propõe atividades diversificadas e simultâneas ao longo da aula para atender às especificidades dos grupos			
Estratégias metodológicas relacionadas à leitura/escrita			
a) Lê em voz alta histórias ou outros textos para os alunos			
b) Conta histórias para os alunos			
c) Propõe leitura silenciosa de textos do livro didático			
d) Propõe leitura silenciosa de textos escolhidos pelos alunos			
e) Propõe leitura silenciosa de textos escolhidos pelo professor			
f) Leitura oral, individual e alternada entre os alunos para toda a classe			
g) Leitura coletiva em voz alta pelos alunos			
h) Pede aos estudantes que interpretem oralmente as leituras realizadas			
i) Faz ditado			
j) Propõe cópia de textos			
k) Propõe exercícios de caligrafia			
l) Propõe redação de temas escolhidos pelos alunos			
m) Propõe redação de tema escolhido pelo professor			
n) Pede aos alunos que respondam por escrito a questões de interpretação sobre textos lidos			
o) Propõe o uso da sala de leitura ou distribui livros diversos para algumas atividades			
p) Propõe cópias de lições no quadro			

2.3) Assinale a seguir as práticas escolares a que os alunos foram mais submetidos durante a aula observada:

Práticas escolares	Ocorreu na aula?		As seis Principais
	Sim	não	
a) Leitura silenciosa de textos do livro didático			
b) Leitura silenciosa de textos escolhidos pelo professor			
c) Leitura silenciosa de textos escolhidos pelos alunos			
d) Leitura em voz alta (individual)			
e) Leitura em voz alta (coletiva)			
f) Escuta de leitura feita pelo(a) professor(a)			
g) Realização de tarefas e exercícios individuais			

h) Realização de tarefas e exercícios em grupo			
i) Cópia de livros / textos variados			
j) Atividades no computador			
k) Atividades na sala de leitura da escola			
l) Atividades no quadro negro (resoluções de problemas, respostas às perguntas etc.)			
m) Anotações e exercícios no caderno			
n) Produção de texto(s) – estilos variados sobre temas escolhidos pelo professor			
o) Produção de texto(s) – estilos variados sobre temas escolhidos pelos alunos			
p) Respostas por escrito a perguntas sobre textos/histórias lidas			
q) Exercícios de caligrafia			
r) Resolução de problemas matemáticos			
s) Utilização de materiais de apoio ao ensino de matemática (jogos, materiais concretos etc.)			
t) Discussão de soluções para os problemas matemáticos			
u) Correção pelos alunos de deveres de forma individual com o apoio da professora			
v) Debate sobre temas propostos pelo professor(a)			
w) Atividades artísticas: canto, representação etc.			
x) Audição/apreciação de música, vídeos ou TV, fotos ou outros materiais relacionados aos temas em estudo			
y) Participação dos alunos em atividades diversificadas na sala de aula de acordo com suas necessidades			
z) Outras atividades dentro ou fora da sala de aula (especificar):			

3. Encerramento da aula

3.1) Marque todos os aspectos que correspondam à realidade observada

O professor...	Sim	Não
a) Recupera o sentido do que foi realizado em aula naquele dia?		
b) Avalia com os alunos as atividades realizadas e os resultados obtidos?		
c) Relaciona as aprendizagens com os objetivos da aula?		

d) Assinala os temas que ficaram pendentes?		
e) Passa deveres para casa?		
f) Relaciona a produção do dia com os materiais e atividades que serão feitas nas aulas seguintes?		
g) Pede aos alunos para organizarem o espaço antes de saírem e para guardarem os materiais utilizados?		
h) O final da aula guarda relação com as atividades realizadas durante aquele dia?		
i) Não se evidencia um final		
j) Outras situações: descrever		

D – Ambiente ou clima escolar e aspectos ligados ao desenvolvimento afetivo-social dos alunos

1) Na sala de aula registra-se a existência de normas/regras/combinados afixados em local visível?

() sim () não. Em caso positivo, como se dá o cumprimento/uso dessas regras? Os alunos fazem menção a elas? Regulam suas condutas pelos combinados? Comentários:

2) Em relação ao clima da sala de aula / manejo grupal observado, é correto afirmar:

O(a) professor(a)...	Sim	Não
a) Parece “fazer questão” de que todos os alunos aprendam, mesmo os que demonstram mais dificuldade;		
b) Permite algum nível de conversa entre os alunos;		
c) Adapta a disposição da sala às atividades, quando necessário;		
d) Mantém os alunos envolvidos com as tarefas propostas;		
e) Supervisiona e se mantém atento(a) aos pedidos/necessidades de ajuda dos alunos;		
f) Intervém em situações de indisciplina ou conflito entre os alunos, sem fazer uso de “discursos” exagerados;		
g) Mantém os alunos produtivamente ocupados a maior parte do tempo.		
h) Outras observações		

3) Em relação ao apoio prestado pelo(a) professor(a) ao desenvolvimento afetivo-social dos alunos, é correto afirmar:

O(a) professor(a)...	Sim	Não
a) Tem uma “tonalidade afetiva” geralmente positiva;		
b) Demonstra afeto pelos alunos;		
c) Recebe com agrado as manifestações de afeto dos alunos;		
d) Estimula a cooperação e a generosidade entre os alunos;		
e) Favorece o respeito mútuo (não permite os deboches/apelidos);		
f) Não coloca “rótulos” nos alunos;		
g) Não os sanciona publicamente;		

h) Estimula que os alunos se ensinem mutuamente;		
i) Se refere aos alunos por seus nomes próprios;		
j) Valoriza as qualidades pessoais de cada aluno;		

4) Em relação ao apoio prestado pelo(a) professor(a) ao desenvolvimento cognitivo e verbal, é correto afirmar:

O(a) professor(a)...	Sim	Não
a) Responde adequadamente as perguntas ou solicitações dos alunos;		
b) Cria situações favorecedoras do desenvolvimento da oralidade, abrindo espaços para relatos, descrições, comparações, associações entre situações distintas etc;		
c) Procura aproximar as atividades de desenvolvimento da linguagem escrita ao seu uso social;		
d) Utiliza os erros dos alunos como oportunidade de aprendizagem;		
e) Contextualiza adequadamente as aprendizagens;		
f) Formula perguntas abertas aos alunos;		
g) Escuta ativamente os alunos;		
h) Dá aos alunos o tempo necessário para que se expressem/ se comuniquem adequadamente;		
i) Recoloca de forma correta as mensagens confusas, incompletas ou errôneas;		
j) Valoriza e amplia os comentários dos alunos;		
k) O professor faz bom uso da linguagem oral e escrita (se comunica bem/fala corretamente).		

5) Em relação ao apoio prestado pelo(a) professor(a) ao desenvolvimento da postura autônoma dos alunos e formação de hábitos de estudos, é correto afirmar:

O(a) professor(a)...	Sim	Não
a) O(a) professor(a) valorizou as possíveis contribuições trazidas de casa pelos alunos para enriquecer os temas em estudo;		
b) Orientou a organização material dos alunos;		
c) Orientou a produção de anotações pessoais em cadernos;		
d) Criou espaço na aula para que os alunos debatessem eventuais problemas e buscassem possíveis soluções para os mesmos de forma compartilhada;		
e) Incentivou/aproveitou sugestões e opiniões sobre questões ligadas aos temas em estudo ou andamento dos trabalhos;		
f) Mostrou preocupação em ensinar aos alunos, além dos conteúdos específicos das diferentes disciplinas, a estudarem autonomamente ou a aprimorarem estratégias de estudo já consolidadas;		
g) Deu espaço para que cada aluno refletisse sobre os seus resultados e estabelecesse metas pessoais para as próximas etapas de estudo.		

6) Em relação à reação dos alunos frente à apresentação dos temas, atividades e instruções do(a) professor(a), selecione apenas o item que expresse a postura predominante na maioria da turma:

6.1) Frente a propostas e tentativas de mobilização/motivação do(a) professor(a), os alunos:
a) Respondem ativamente as perguntas e mostram-se entusiasmados;
b) Propõem direta ou indiretamente outros temas de seu interesse;
c) Aceitam com passividade as propostas do(a) professor(a);

d) Interrompem com comentários e perguntas impróprias;
e) Não mostram interesse pelo tema proposto
6.2) Frente às instruções do(a) professor(a), os alunos:
a) As ignoram
b) As acatam realizando a tarefa sem muito empenho;
c) As seguem com dificuldade (consultam o/a professor/a reiteradamente).
d) As seguem com facilidade e “soltura”;
6.3) Sobre a interação entre alunos:
a) Se apóiam mutuamente por meio de instruções e explicações;
b) Fazem brincadeiras e deboches entre si;
c) Brigam e mostram conflitos pessoais entre si;
d) Se corrigem e se disciplinam mutuamente;
e) Competem entre si por resultados
f) Escutam com atenção e se interessam pelo trabalho de seus companheiros;
g) Ignoram o trabalho de seus companheiros.
6.4) Quanto à disciplina:
a) Mais da metade dos alunos permanece atenta, acompanhando as aulas e perguntando ou opinando;
b) Mais da metade dos alunos permanece atenta, mas apenas alguns perguntam ou opinam;
c) Apenas um grupo pergunta ou opina, enquanto os demais fazem bagunça ou se desligam do trabalho em sala.
d) Nenhum aluno pergunta ou opina

APÊNDICE 4

Roteiro de entrevista individual Direção

Nome da Escola: _____

Nome do (a) Diretor (a): _____

1. Sobre a formação do diretor:

- 1) Magistério.
- 2) Se Graduação, especificar curso.
- 3) Se Especialização (mín. 360 h), especificar modalidade.
- 4) Se Pós-Graduação, especificar se mestrado ou doutorado, especificar título, Instituição e ano de conclusão.
- 5) Tempo de atividade profissional
 - a) como professora, no ensino regular;
 - b) como diretora no ensino regular;
 - c) como diretora em uma escola com PEJA.
- 6) Tempo nessa escola
- 7) Tempo na função de diretora
- 8) Carga horária semanal de trabalho
- 9) Principais tarefas que realiza e tempo que dedica a cada uma delas
- 10) Você costuma participar das ações de formação oferecidas pela SME ou pela CRE? Nos últimos dois anos, de quais formações você participou? Qual era o foco dessas formações?
- 11) Você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de formação continuada para a melhoria de sua prática na direção? Se sim, como?

2. Fatores que influenciam nos resultados da escola

- a) Há quanto tempo esta escola existe?
- b) Há quanto tempo esta escola oferece o PEJA? Qual o motivo principal da abertura do PEJA nesta escola?
- c) Há quanto tempo exerce o cargo de diretor desta escola? Através de qual processo assumiu a direção da escola?
- d) Qual a sua opinião sobre os fatores que influenciam nos resultados obtidos pelos alunos do PEJA de sua escola?
- e) Dentre esses fatores, quais rituais ou práticas contribuem para dar uma “marca” ou “identidade” a essa escola?

3. Objetivos e Metas da Escola:

- a) Quais objetivos educacionais orientam as ações neste estabelecimento, ou seja, o que de mais importante a escola espera conseguir junto aos seus alunos?
- b) Você diria que a compreensão desse(s) objetivo(s) é compartilhada por todos os professores? Em quais fatos ou dados você se baseia para esta afirmação?
- c) Você diria que os alunos também conhecem e concordam com este projeto?
- d) A escola se colocou metas a atingir? Quantas/ quais? Estes objetivos e metas estão registradas em algum documento escolar?
- e) Quais estratégias / iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas? Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?
- f) Como diretor(a) você sente a necessidade de maior autonomia para realizar a sua tarefa?
- g) Em relação à área pedagógica, esta escola segue um plano oficial para toda a rede ou tem o seu próprio projeto pedagógico?

- h) Além das disciplinas regulares, nesta escola, há atividades complementares ou extracurriculares? Se sim, quais? Como são propostas e efetivadas?

4. Organização escolar

- a) Como se estrutura a equipe dirigente desta escola? (De preferência fazer o desenho do organograma, indicando responsabilidades, funções e tarefas)
- b) Diante de ausência de professores, por doença ou outro inconveniente, quem os substituiu? Qual é a média de faltas de professores por semana (absenteísmo)? Que tipos de atividades fazem os alunos nessas circunstâncias?
- c) Quais são os critérios utilizados para formar as turmas? Quando há mais de uma turma de mesmo bloco, que fatores influenciam na composição das mesmas?
- d) Nessa escola, quem define a distribuição de professores pelas turmas? Quais critérios orientam estas escolhas?
- e) Quantos alunos, em média, há em cada turma do PEJA?
- f) Há alunos integrados no PEJA? Se sim, em quais turmas?
- g) Há atividades de recuperação paralela dos alunos do PEJA? Se sim, quais e como se dão?

5. Docentes: Perfil e estratégias de orientação pedagógico-educacional

- a) Como você descreve o corpo docente dessa escola em relação aos seguintes aspectos: quantidade, formação e experiência, tempo de casa, jornada de trabalho, cumprimento formal de seus deveres (frequência, pontualidade, competência técnica, compromisso/disponibilidade para aderir aos projetos da escola) etc.
- b) Os professores costumam participar de ações de formação oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação ou pela CRE? Se sim, quais?
- c) Nessa escola se estimula o professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico ou abordagem específica de alfabetização ou cada um segue seu próprio método?
- d) Existem nessa escola orientações e critérios técnico-pedagógicos/curriculares de avaliação que devem ser respeitados e postos em prática por todos os professores? Quais são? Como é feita esta supervisão pela equipe dirigente?
- e) Que apoio recebem os professores por parte da coordenação pedagógica para planejamento e preparo de suas aulas?
- f) Faz parte das atribuições da direção/supervisão entrar em sala para observar o desempenho do professor? Se sim, com qual periodicidade? Como os dados observados são tratados com os professores?
- g) Como os professores são avaliados em suas práticas? Com base em que estas avaliações são feitas? Quem tem acesso aos resultados dessas avaliações? Essas avaliações têm repercussão dentro da escola, ou seja, elas contribuem para melhorar as práticas docentes realizadas?
- h) Neste ano, quais são as prioridades do Centro de Estudos? Quais ações estão sendo realizadas? Quais estratégias/ recursos são utilizados? Quais temas são abordados?
- i) Você costuma participar dos Centros de Estudos? Com que frequência? E dos Conselhos de Classe?
- j) A maioria dos professores do PEJA atua com matrícula ou com dupla regência?

6. Clima organizacional: relacionamento interpessoal, participação e compromisso.

- a) Como você qualificaria as relações interpessoais e o clima de trabalho desta escola? (Sondar aspectos relativos à relação professor/aluno; professor/professor; professor/equipe de direção etc.)
- b) Em sua opinião, em quais assuntos da escola é indispensável contar com a participação ativa dos professores? E em quais isto não é imprescindível?

- c) De um modo geral, como os professores lidam com solicitações da direção para atividades extra-aula (participação em festas, campanhas, reuniões ou outras atividades)?

7. Alunos: perfil e expectativas sobre seu desempenho e aprendizagem

- a) Qual o perfil dos alunos dessa escola?
- b) Quais critérios e regras regem a promoção desses alunos?
- c) Do total de alunos matriculados no PEJA I Bloco 1, quantos, em média, chegam ao último bloco atendido pela escola?
- d) Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar dos alunos que deixam a escola?
- e) Que nível de ensino você acredita que a maioria de seus alunos alcançará no futuro? Por quê?
- f) Em caso de faltas excessivas dos alunos às aulas, quais as providências tomadas pela escola? Há iniciativas para localizar estes alunos e incentivá-los a retornarem?

8. Relacionamento escola e comunidade

- a) Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar das famílias dos alunos atendidos pela escola?
- b) Há algum aspecto da cultura local que a escola tenta resgatar e integrar as suas práticas curriculares? Quais? Como isso é feito?
- c) A escola realiza ou participa de alguma ação em parceria com a comunidade? Quem as promove? Quais são os objetivos? Existem outras entidades participando dessas ações junto com a escola?
- d) Há fatores característicos do entorno comunitário que favorecem ou prejudicam os resultados obtidos na escola? Quais? De que forma esta influência se exerce?

9. Infraestrutura pedagógica, materiais e equipamentos: posse e condições efetivas de uso

- a) Que recursos pedagógicos estão disponíveis para os professores do PEJA? Como se dá este uso? É regular/esporádico? São suficientes?
- b) Nessa escola, como se dá a utilização dos livros didáticos e outros materiais? Esta estratégia de uso tem tido, em sua opinião, efeito positivo sobre os resultados escolares?
- c) Há, na escola, problemas quanto à degradação de materiais e equipamentos? Se sim, quais e como se solucionam tais casos?
- d) Os alunos utilizam o espaço da sala de leitura? E o laboratório de informática? De que maneira e com que frequência?

APÊNDICE 5

Roteiro de entrevista Coordenação Pedagógica

Nome da Escola _____

Nome do(a) entrevistado(a) _____

A. Identificação:

1. Formação:

- 1) Magistério.
- 2) Se Graduação, especificar curso.
- 3) Se Especialização (mín. 360 h), especificar modalidade.
- 4) Se Pós-Graduação, especificar se mestrado ou doutorado, especificar título, Instituição e ano de conclusão.
- 5) Tempo de atividade profissional
 - a) como professora, no ensino regular;
 - b) como professora na EJA;
 - c) como coordenadora no ensino regular;
 - d) como coordenadora de EJA.
- 6) Tempo nessa escola
- 7) Tempo na função de coordenação pedagógica
- 8) Carga horária semanal de trabalho
- 9) Principais tarefas que realiza e tempo que dedica a cada uma delas
- 10) Você costuma participar das ações de formação oferecidas pela SME ou pela CRE? Nos últimos dois anos, de quais formações você participou? Qual era o foco dessas formações?
- 11) Você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de formação continuada para a melhoria de sua prática na coordenação pedagógica? Se sim, como?

B. Efeito Equipe Técnico-pedagógica:

1. Além de você, existem outros profissionais na equipe técnico-pedagógica? Se sim, quais as outras atividades realizadas pelos outros membros? Há quanto tempo trabalham juntos? Como você definiria o perfil dessa equipe?

2. Fatores que influenciam nos resultados escolares

- a) Em sua opinião, quais fatores influenciam nos resultados do PEJA dessa escola?
- b) Dentre esses fatores, quais rituais ou práticas contribuem para dar uma “marca” ou “identidade” a essa escola?
- c) Você diria que direção, equipe técnico-pedagógica e professores colaboram para fazer esta escola funcionar bem, ou seja, a comunicação institucional é boa? As pessoas levam em consideração as ideias apresentadas pelos diferentes atores sociais?
- d) Como é o estilo de decisão nessa escola? Há participação dos vários segmentos (equipe, professores, alunos)? Dê exemplo de situações vividas neste ano que ilustrem esta sua percepção.

3. Objetivos e Metas da Escola:

- a) Esta escola segue um plano oficial para toda a rede ou tem o seu próprio projeto pedagógico?
- b) Se tiver projeto próprio, explicitar: como ele foi produzido? Quando e em quanto tempo? Por quem? O que este plano tem que o caracteriza como um plano desta escola?

- c) Que objetivos educacionais orientam as ações nessa escola, ou seja, o que de mais importante a escola espera conseguir junto aos seus alunos?
- d) Você diria que esses objetivos são compartilhados por todos (direção, equipe técnica, professores e alunos)? Em quais fatos ou dados se baseia a sua opinião?
- e) Além das disciplinas regulares, nesta escola há atividades complementares ou extracurriculares? Se sim, quais? Como são propostas e efetivadas?

4. Organização escolar

- a) Como coordenador(a), você sente a necessidade de maior autonomia para realizar a sua tarefa? Você poderia dar exemplos de situações vividas com mais ou menos autonomia?
- b) Diante de ausência de professores, por doença ou outro inconveniente, quem os substituiu? Qual é a média de faltas de professores por semana (absenteísmo)? Que tipos de atividades fazem os alunos nessas circunstâncias?
- c) Quais são os critérios utilizados para formar as turmas? Quando há mais de uma turma de mesmo bloco, que fatores influenciam na composição das mesmas?
- d) Nesta escola, quem define a distribuição de professores pelas turmas? Que critérios orientam estas escolhas?
- e) Quantos alunos, em média, há em cada turma do PEJA?
- f) Há alunos integrados no PEJA? Se sim, em quais turmas?
- g) Há atividades de recuperação paralela dos alunos do PEJA? Se sim, quais e como se dão?

5. Docentes: Perfil do quadro docente e estratégias de orientação pedagógico-educacional

- a) Como você descreve o corpo docente desta escola em relação aos seguintes aspectos: quantidade, formação e experiência, tempo de casa, jornada de trabalho, cumprimento formal de seus deveres (frequência, pontualidade, competência técnica, compromisso/disponibilidade para aderir aos projetos da escola) etc.
- b) Nesta escola se estimula o professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico ou abordagem de alfabetização específica, ou cada um segue seu próprio método?
- c) Existem nesta escola orientações (curriculares, de avaliação, normas de comportamento ou outras) que devem ser respeitadas ou postas em prática por todos os professores? Quais são?
- d) Como é feita a supervisão do cumprimento dessas orientações pela equipe técnica?
- e) Que apoio recebem os professores por parte da equipe técnico-pedagógica para planejamento e preparo de suas aulas?
- f) Faz parte das atribuições da coordenação entrar em sala para observar o desempenho do professor? Se sim, com qual periodicidade? Como os dados observados são tratados com os professores?
- g) Como os professores são avaliados em suas práticas? Com base em quais critérios estas avaliações são feitas? Quem tem acesso aos resultados dessas avaliações? Em sua opinião, essas avaliações têm repercussão dentro da escola, ou seja, elas contribuem para melhorar as práticas docentes realizadas?
- h) Quanto aos Centros de Estudos: Quais ações estão sendo realizadas? Quais estratégias e recursos estão sendo utilizados? Quais temas são abordados? Em sua opinião, as atividades do Centro de Estudos são produtivas, ou seja, geram resultados observáveis em relação à prática docente?
- i) Nessa escola se estimula que os professores trabalhem cooperativamente, troquem experiências, planejem juntos ou reflitam sobre a própria prática? Dê exemplos de atividades realizadas com este intuito.
- j) Os professores desta escola se esforçam para coordenar o conteúdo das matérias entre os diferentes blocos?
- l) Você sente os professores interessados/ empenhados em melhorar suas aulas?

- 6. Clima organizacional: relacionamento interpessoal, participação e compromisso**
- a) Como você qualificaria as relações interpessoais e o clima de trabalho desta escola? (Sondar aspectos relativos à relação professor/aluno; professor/professor; professor/equipe de direção etc.)
 - b) De um modo geral, como os professores lidam com solicitações da direção para atividades extra-aula (participação em festas, campanhas, reuniões ou outras atividades)?
- 7. Alunos: perfil e expectativas sobre seu desempenho e aprendizagem**
- a) Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar dos alunos dessa escola?
 - b) Quais critérios e regras regem a promoção desses alunos?
 - c) Do total de alunos matriculados no PEJA I Bloco 1, quantos, em média, chegam ao último bloco oferecido pela escola?
 - d) Qual o perfil dos alunos que deixam a escola?
 - e) Que nível de ensino você acredita que a maioria de seus alunos alcançará no futuro? Por quê?
 - f) Em caso de faltas excessivas dos alunos às aulas, quais as providências tomadas pela escola? Há iniciativas para localizar estes alunos e incentivá-los a retornarem?
- 8. Relacionamento escola e comunidade**
- a) Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar das famílias dos alunos atendidos pela escola?
 - b) A escola realiza ou participa de alguma ação em parceria com a comunidade? Quem as promove? Quais são os objetivos? Existem outras entidades participando dessas ações junto com a escola?
 - c) Há fatores característicos do entorno comunitário que favorecem ou prejudicam os resultados obtidos na escola? Quais? De que forma esta influência se exerce?
- 7. Infraestrutura pedagógica, materiais e equipamentos: posse e condições efetivas de uso**
- a) Quais os recursos pedagógicos disponíveis para os professores do PEJA? Como se dá seu uso? É regular/esporádico? Os recursos são suficientes?
 - b) Há, na escola, problemas quanto à degradação de materiais e equipamentos? Se sim, quais e como se solucionam tais casos?
 - c) Os alunos utilizam o espaço da sala de leitura? E o laboratório de informática? De que maneira e com que frequência?

APÊNDICE 6

Roteiro de Entrevista Professor – Após a realização da observação da aula

A. Identificação:

Nome da Escola _____

Nome da professora: _____

Nº da turma: _____

B. Características do(a) professor(a)

1. **Sexo** () masculino () feminino

2. **Idade** _____

3. Formação:

1) Magistério.

2) Se Graduação, especificar curso.

3) Se Especialização (mín. 360 h), especificar modalidade.

4) Se Pós-Graduação, especificar se mestrado ou doutorado, especificar título, Instituição e ano de conclusão.

5) Tempo de atividade profissional

a) como professora no ensino regular;

b) como professora na EJA;

6) Tempo nessa escola

7) Você trabalha em outra escola / outro horário?

8) Carga horária semanal de trabalho

9) Você costuma participar das ações de formação oferecidas pela SME ou pela CRE? Nos últimos dois anos, de quais formações você participou? Qual era o foco dessas formações?

10) Você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de formação continuada para a melhoria de sua prática na sala de aula? Se sim, como?

4. Em relação a esta turma:

a) Desde quando está lecionando neste bloco?

b) Como você foi alocado(a) nessa turma?

5. Preparo das aulas:

a) Quando prepara suas aulas? Quanto tempo você demorou para preparar as aulas observadas nesta semana? Que material ou outros recursos utilizou para preparar estas aulas?

b) Você tem algum tipo de apoio da equipe pedagógica (coordenação, direção ou outros) para planejar ou preparar as aulas?

4. Ainda sobre as aulas observadas: quais foram as suas intenções com as atividades (preferencialmente de leitura, escrita ou matemática) realizadas nesta semana, ou seja:

a. O que você esperava que os alunos aprendessem com as atividades?

b. Você considera que eles aprenderam satisfatoriamente?

c. Quais são as evidências desse resultado?

5. Sobre a disposição espacial da sala: A organização dos alunos dessa(s) forma(s) foi uma escolha sua ou pode ser considerado um “padrão” da escola? Geralmente, qual a sua preferência? Organização individual ou em grupo? Quando / a partir de quais objetivos você propõe atividade em grupo? Que critérios você usa para organizar os alunos?

8. Sobre os materiais utilizados: Pedir ao professor(a) para escolher um material que tenha selecionado com o objetivo de: a) motivar os alunos; b) exemplificar uma situação; c) exercitar algo ensinado; d) introduzir novos conceitos/conteúdos.

9. Tarefas:

- a) Você usualmente passa tarefas para casa? Se sim, de que tipo?
- b) Você normalmente controla a realização das tarefas pelos alunos?
- c) Estas tarefas são sempre corrigidas?

10. Sobre as matérias ensinadas:

- a) Considerando o currículo deste bloco, como se distribuem as matérias no horário semanal?
- b) Você acha esta distribuição adequada/suficiente para desenvolver as habilidades dos alunos?
- c) Até o final do ano, qual porcentagem das matérias previstas no plano de curso você acredita que cumprirá?

11. Sobre a aprendizagem, quantos alunos desta turma você considera que já são capazes de ler e escrever satisfatoriamente e de forma adequada a este bloco?

12. Há alunos que precisariam de algum acompanhamento profissional específico? Se sim, quais os tipos de dificuldades mais comuns?

13. Há perspectiva de reprovação de algum aluno neste bloco? Se sim, quantos?

14. Quantos alunos você acredita que completarão o Ensino Fundamental?

15. Nesta escola se estimula o professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico ou abordagem específica de alfabetização ou cada um segue seu próprio método? No que consiste este método? O que faz a escola para assegurar a realização de práticas pedagógicas dentro desse modelo?

16. Como você avalia seus alunos? Quais são seus critérios de avaliação? Quais instrumentos utiliza? Costuma aplicar provas e testes? Utiliza os parâmetros curriculares do PEJA I para avaliá-los? Se sim, de que maneira?

17. Existem, nesta escola, orientações pedagógicas, curriculares, disciplinares, de avaliação etc. que devem ser respeitadas e postas em prática por todos os professores? Quais são? Como é feita esta supervisão pela equipe dirigente?

18. Você utiliza estratégias de recuperação paralela? Se sim, de que maneira?

19. Faz parte das atribuições da direção/supervisão entrar em sala para observar o desempenho do professor? Se sim, com qual periodicidade? Como os dados observados são tratados com os professores?

20. A Coordenação estimula o trabalho cooperativo, a troca de experiências entre os pares e a reflexão sobre a própria prática? Se sim, dê exemplos de situações onde isso aconteceu na escola este ano.

21. Neste ano, quais são as prioridades do Centro de Estudos? Quais ações estão sendo realizadas? Quais estratégias/ recursos estão sendo utilizados? Quais temas são abordados?

22. Como está sendo desenvolvido o projeto pedagógico da escola neste ano?

23. Você costuma usar o material didático indicado ao bloco em que atua? Se sim, com que frequência? Qual a sua opinião sobre o material?
24. Você e os seus alunos utilizam diferentes espaços da escola, como a sala de leitura e o laboratório de informática? Se sim, com que frequência?

APÊNDICE 7

QUESTIONÁRIO ALUNO

PEJA I Bloco () 1 () 2

Caro (a) aluno (a),
Você agora vai responder às perguntas abaixo. Precisamos de sua colaboração, respondendo, com cuidado e sinceridade.

01. QUAL O SEU SEXO: (A) Masculino (B) Feminino	02. COMO VOCÊ SE CONSIDERA? (A) Branco (a) (B) Pardo (a) / Mulato (a) (C) Negro (a) (D) Amarelo (a) (E) Indígena
03. QUAL É O ANO DO SEU NASCIMENTO? _____	04. VOCÊ NASCEU NO RIO DE JANEIRO? (A) Não (B) Sim
05. QUAL A SUA RELIGIÃO? (A) Católica (B) Evangélica (C) Espírita (D) Judaica (E) Outra (F) Não tenho religião	06. QUAL O SEU ESTADO CIVIL? (A) Solteiro (a) (B) Casado (a) (C) Vivo com uma pessoa, mas não sou casado (a) (D) Separado (a), desquitado (a) ou divorciado (a) (E) Viúvo (a)
QUEM MORA NA SUA CASA COM VOCÊ?	
07. MÃE OU OUTRA MULHER RESPONSÁVEL POR VOCÊ	(A) Não (B) Sim
08. PAI OU OUTRO HOMEM RESPONSÁVEL POR VOCÊ	(A) Não (B) Sim
09. MARIDO / ESPOSA / COMPANHEIRO(A)	(A) Não (B) Sim
10. IRMÃO(Ã)	(A) Não (B) Um(a) (C) Dois(duas) ou mais
11. FILHO(A) OU ENTEADO(A)	(A) Não (B) Um(a) (C) Dois(duas) ou mais
12. OUTROS PARENTES	(A) Não (B) Um(a) (C) Dois(duas) ou mais
13. AMIGOS	(A) Não (B) Um(a) (C) Dois(duas) ou mais
14. ATÉ QUE SÉRIE A RESPONSÁVEL POR VOCÊ (COMO, POR EXEMPLO, SUA MÃE, MADRSTA, MÃE DE CRIAÇÃO OU AVÓ) ESTUDOU? (A) Nunca estudou (B) Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série (incluindo alfabetização) (C) Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (D) Ensino Médio (antigo 2º Grau) (E) Faculdade (Ensino Superior) (F) Não sei	
15. ATÉ QUE SÉRIE O RESPONSÁVEL POR VOCÊ (COMO, POR EXEMPLO, SEU PAI, PADRASTO, PAI DE CRIAÇÃO OU AVÓ) ESTUDOU? (A) Nunca estudou (B) Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série (incluindo alfabetização) (C) Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (D) Ensino Médio (antigo 2º Grau) (E) Faculdade (Ensino Superior) (F) Não sei	

<p>16. EM SUA CASA TRABALHA ALGUMA EMPREGADA DOMÉSTICA? QUANTAS?</p> <p>(A) Nenhuma (B) Uma todos os dias úteis (C) Duas ou mais todos os dias úteis (D) Diarista (faxineira etc.) uma ou duas vezes por semana</p>	<p>17. ALÉM DOS LIVROS ESCOLARES, QUANTOS LIVROS HÁ EM SUA CASA? (NÃO CONTE JORNAIS, REVISTAS OU GIBIS)</p> <p>(A) Nenhum (B) O bastante para encher uma prateleira (1 a 20 livros) (C) O bastante para encher uma estante (21 a 100 livros) (D) O bastante para encher várias estantes (mais de 100 livros)</p>
DOS SEGUINTE ITENS, EXISTE (M) EM SUA CASA:	
18. UM LUGAR CALMO PARA VOCÊ ESTUDAR?	(A) Não (B) Sim
19. UM JORNAL DIÁRIO?	(A) Não (B) Sim
20. REVISTAS DE INFORMAÇÃO GERAL?	(A) Não (B) Sim
21. UMA ENCICLOPÉDIA?	(A) Não (B) Sim
22. UM ATLAS?	(A) Não (B) Sim
23. UM DICIONÁRIO?	(A) Não (B) Sim
24. UMA CALCULADORA?	(A) Não (B) Sim
25. ACESSO À INTERNET?	(A) Não (B) Sim
<p>26. VOCÊ EXERCE ATIVIDADE REMUNERADA?</p> <p>(A) Não (B) Sim, mas dependo do dinheiro da minha família (C) Sim, e não dependo do dinheiro da minha família (D) Sim, e sustento outras pessoas</p>	<p>27. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO NO PEJA?</p> <p>(A) Menos de 1 ano (B) De 1 a 2 anos (C) Mais de 2 anos (D) Não lembro ou não sei</p>
<p>28. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO QUE LEVOU VOCÊ A SE MATRICULAR NO PEJA?</p> <p>(A) Adquirir novos conhecimentos (B) Aprender a ler e escrever (C) Fazer futuramente o Ensino Médio (2º grau) (D) Fazer um curso profissionalizante de nível médio (E) Fazer futuramente uma faculdade (F) Foi uma exigência do meu trabalho (G) Conseguir um trabalho ou melhorar no meu trabalho atual (H) Por motivos familiares (I) Por motivos religiosos (J) Outro motivo</p>	<p>29. QUANDO VOCÊ ERA CRIANÇA E FREQUENTAVA A ESCOLA REGULAR, ABANDONOU A ESCOLA DURANTE ALGUM TEMPO?</p> <p>(A) Não. Essa é a minha primeira escola (B) Sim, por menos de 1 ano (C) Sim, por 1 ano (D) Sim, por 2 ou mais anos (E) Nunca parei de estudar</p>
<p>30. VOCÊ FOI REPROVADO (A) ALGUMA VEZ QUANDO VOCÊ ERA CRIANÇA E FREQUENTAVA A ESCOLA REGULAR?</p> <p>(A) Não (B) Sim, uma vez (C) Sim, 2 vezes (D) Sim, 3 vezes ou mais (E) Sim, mas não me lembro quantas vezes (F) Não me lembro</p>	<p>31. DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA O PEJA, VOCÊ PAROU DE ESTUDAR ALGUMA VEZ?</p> <p>(A) Não (B) Sim</p>

<p>32. VOCÊ FOI REPROVADO(A) ALGUMA VEZ NO PEJA?</p> <p>(A) Não (B) Sim, uma vez (C) Sim, 2 vezes (D) Sim, 3 vezes ou mais (E) Sim, mas não me lembro quantas vezes (F) Não me lembro</p>	<p>33. VOCÊ FALTOU À ESCOLA DURANTE ESTE ANO?</p> <p>(A) Não. (B) Sim, 5 dias no máximo (C) Sim, entre 6 e 15 dias no máximo (D) Sim, entre 16 e 30 dias no máximo (E) Sim, por mais de 30 dias</p>
<p>34. QUANDO VOCÊ NÃO ENTENDE ALGUMA COISA EM AULA, VOCÊ, NA MAIORIA DAS VEZES:</p> <p>(A) Pergunta ao (à) professor (a) (B) Pergunta aos colegas (C) Pergunta a outras pessoas (D) Tenta descobrir a resposta sozinho (a), estudando (E) Não faz nada</p>	<p>35. VOCÊ ACHA QUE SEU (SUA) PROFESSOR (A) SE ESFORÇA PARA QUE VOCÊ APRENDA?</p> <p>(A) Sempre (B) Às vezes (C) Nunca</p>
<p>36. VOCÊ GOSTA DE ESTUDAR?</p> <p>(A) Não (B) Sim</p>	<p>37. EM RELAÇÃO AO QUE VOCÊ ESPERA DO PEJA, ELE TEM SIDO PARA VOCÊ:</p> <p>(A) Ótimo (B) Muito bom (C) Bom (D) Regular (E) Insatisfatório</p>
<p>38. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NO PEJA?</p> <p>(A) De encontrar meus amigos (B) Do conhecimento que estou adquirindo (C) Do (a) meu (minha) professor (a) (D) Das atividades desenvolvidas pela escola (E) Outro motivo</p>	<p>39. NO FUTURO, VOCÊ PRETENDE:</p> <p>(A) Continuar estudando (B) Somente trabalhar (C) Continuar estudando e trabalhando (D) Ainda não sei</p>

APÊNDICE 8

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL:

Dinâmica inicial: Leitura do texto “A escola”, de Paulo Freire

1. Debate sobre o texto

2. Questões para os alunos:

- O texto de Paulo Freire apresenta aspectos muito positivos da escola. Com quais aspectos apresentados no texto você concorda? Há algum aspecto com o qual você não concorda?
- Do que você mais gosta na sua escola? E do que você menos gosta na sua escola?
- Quando você comenta com alguém que está estudando, o que você mais enfatiza na sua fala?
- Qual a sua opinião sobre o PEJA?
- Qual a sua opinião sobre as medidas de disciplina na sua escola (por exemplo, o uso do uniforme, os horários de entrada e saída, a proibição do uso do boné, a proibição do uso do celular etc.)?
- O que você acha da conservação do prédio de sua escola? Ela é limpa? É pichada ou degradada?
- Na sua escola há suspensão de aulas por algum motivo?
- Quando você falta às aulas, a sua escola toma algum tipo de atitude em relação a você?
- Você costuma utilizar o que aprende na escola no seu dia a dia (no trabalho, em casa, na rua etc.)?
- Além da sala de aula, sua turma utiliza outros espaços da escola? Se sim, quais espaços?
- Você acha que será aprovado no final deste ano? Por quê?

TEXTO PARA A DINÂMICA INICIAL DO GRUPO FOCAL:**A ESCOLA**

ESCOLA É...

O LUGAR ONDE SE FAZ AMIGOS

NÃO SE TRATA SÓ DE PRÉDIOS, SALAS, QUADROS,
PROGRAMAS, HORÁRIOS, CONCEITOS...

ESCOLA É, SOBRETUDO, GENTE,

GENTE QUE TRABALHA, QUE ESTUDA,

QUE SE ALEGRA, SE CONHECE, SE ESTIMA.

O DIRETOR É GENTE,

O COORDENADOR É GENTE, O PROFESSOR É GENTE,

O ALUNO É GENTE,

CADA FUNCIONÁRIO É GENTE.

E A ESCOLA SERÁ CADA VEZ MELHOR

NA MEDIDA EM QUE CADA UM

SE COMPORTE COMO COLEGA, AMIGO, IRMÃO.

NADA DE “ILHA CERCADA DE GENTE POR TODOS OS LADOS”.

NADA DE CONVIVER COM AS PESSOAS E DEPOIS DESCOBRIR

QUE NÃO TEM AMIZADE A NINGUÉM,

NADA DE SER COMO O TIJOLO QUE FORMA A PAREDE,

INDIFERENTE, FRIO, SÓ.

IMPORTANTE NA ESCOLA NÃO É SÓ ESTUDAR, NÃO É SÓ TRABALHAR,

É TAMBÉM CRIAR LAÇOS DE AMIZADE,

É CRIAR AMBIENTE DE CAMARADAGEM,

É CONVIVER, É SE “AMARRAR NELA”!

ORA , É LÓGICO...

NUMA ESCOLA ASSIM VAI SER FÁCIL

ESTUDAR, TRABALHAR, CRESCER,

FAZER AMIGOS, EDUCAR-SE,

SER FELIZ.

PAULO FREIRE

APÊNDICE 9

EXEMPLO DE RELATÓRIO PRODUZIDO PELO PROGRAMA

NUD*IST 4.0

Q.S.R. NUD.IST Power version, revision 4.0.

Licensee: Jaqueline.

PROJECT: Tese Jaqueline_NUDIST, User Jaqueline, 3:14 pm, Sept 4, 2009.

(2) /Infraestrutura

*** Definition:

Condições do prédio, tamanho das turmas, recursos escolares e pedagógicos disponíveis.

+++++

+++ ON-LINE DOCUMENT: CP1

+++ Retrieval for this document: 7 units out of 477, = 1.5%

++ Text units 453-455:

CP1 – [recursos] temos mapas, retroprojeto, DVDs, 453

[recursos] tudo o que a secretaria fornece é usado pelos professores e
alunos. 454

[recursos] Sala de vídeo também, 455

++ Text units 468-469:

CP1 - O laboratório de informática tem computadores 468

[laboratório de informática] mas ainda não está funcionando, 469

++ Text units 473-474:

Mas a professora da sala de leitura atende 473

os alunos do PEJA toda quinta-feira. 474

+++++

+++ ON-LINE DOCUMENT: CP2

+++ Retrieval for this document: 12 units out of 506, = 2.4%

++ Text units 472-475:

CP2 - Compramos com os recursos Programa Dinheiro Direto na Escola. 472

Tem muito material. 473

[recursos materiais] A escola tem vídeo, DVD, filmadora, máquina digital,
máquina de xerox, jogos, brinquedos. 474

E teremos os computadores. 475

++ Text units 478-478:

CP2 - Dentro a escola é limpa e arrumada. 478

++ Text units 483-483:

Estamos conversando com os pais e com os alunos do PEJA sobre isso

[degradação]. 483

++ Text units 496-496:

A sala de leitura vem até o PEJA. 496

++ Text units 501-504:

Na compra de livros, 501

o PEJA escolhe também [livros]. 502

O laboratório de informática está sem computadores. 503

Mas a sala já está pronta. 504

++ Text units 506-506:

Para o ano que vem já vai estar funcionando [laboratório de informática]. 506

+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: CP3	
+++ Retrieval for this document: 14 units out of 355, = 3.9%	
++ Text units 101-101:	
Nossa sala de leitura tem muitos livros.	101
++ Text units 334-335:	
CP3 – Temos data show, TV, vídeo, máquina fotográfica, filmadora.	334
Todos os recursos estão à disposição dos professores do PEJA.	335
++ Text units 344-346:	
CP3 – A sala de leitura tem um acervo de seis mil livros.	344
Os alunos fazem o empréstimo de uma semana.	345
Fomos ao salão do livro e compramos mais livros.	346
++ Text units 348-355:	
Tem TV, vídeo, DVD.	348
É um ambiente que eles gostam,	349
tem ar condicionado.	350
No laboratório de informática	351
agora é que instalaram o Windows,	352
não tem internet ainda.	353
[laboratório de informática] os professores ainda não começaram a usar.	354
O PEJA ainda não usou o espaço.	355
+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: D1	
+++ Retrieval for this document: 10 units out of 439, = 2.3%	
++ Text units 420-421:	
A escola tem um sistema de som para comunicação interna	420
e um sistema de circuito interno de TV, para a segurança da escola.	421
++ Text units 425-426:	
D1 - Os professores pedem suas cópias no dia anterior	425
para que seja providenciada para a aula e a secretária reproduz.	426
++ Text units 430-430:	
D1 – Todos os alunos têm o material e as professoras utilizam.	430
++ Text units 433-435:	
D1 – Eu me preocupo muito com a estética da escola.	433
O ambiente é importante.	434
Mas não há casos de degradação aqui.	435
++ Text units 438-439:	
D1 – Os alunos do PEJA são atendidos uma vez por semana pela professora.	438
Mas o laboratório de informática ainda não está funcionando plenamente.	439
+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: D2	
+++ Retrieval for this document: 13 units out of 277, = 4.7%	
++ Text units 253-255:	
D2 - Os professores têm tudo à disposição,	253
menos retroprojeter:	254
[recursos materiais] xerox, material dourado, régua de cozinere,	
livros, TV, vídeo, DVD.	255
++ Text units 266-267:	
a escola aparece pichada ou as carteiras rabiscadas,	266
mas os alunos são chamados para não fazerem mais.	267
++ Text units 270-277:	
D2 - A sala de leitura fica fora da escola e não pode ser usada à noite	270
porque é perigoso,	271
então ela acaba acontecendo na sala de aula.	272
Não tem professor de sala de leitura.	273

O projeto deste ano é trazer os livros para os alunos do PEJA, em caixas,	274 275
para a sala de aula, por temas: épico, poesia, romance etc.	276
O laboratório de informática ainda está em construção.	277
+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: D3	
+++ Retrieval for this document: 22 units out of 412, = 5.3%	
++ Text units 371-376:	
D3 – Temos um caderno de compras, da direção e dos professores,	371
compramos jogos, mapas, sistemas do corpo humano	372
e procuramos atingir a solicitação dos professores.	373
Compramos o Data show, que os professores estão usando.	374
O PEJA não usa a quadra,	375
porque os alunos não conseguem chegar cedo.	376
++ Text units 383-384:	
Os professores gostam do material.	383
Principalmente do Viver, Aprender.	384
++ Text units 395-395:	
D3 – A escola não é pichada.	395
++ Text units 398-400:	
Pra mim o belo é muito importante.	398
A gente estuda melhor num ambiente saudável, num ambiente bonito.	399
E sem barulho também. Ajuda a concentração.	400
++ Text units 403-412:	
D3 – A sala de leitura está muito bonita.	403
Foi reformada.	404
A Coordenadora Pedagógica é professora da Sala de Leitura.	405
As quintas-feiras a Beatriz fica à noite atendendo ao PEJA.	406
Mas os professores podem usar todos os dias que quiserem.	407
Agora que estamos arrumando o laboratório de informática.	408
Temos um professor de dia que vai fazer uma informática educativa	409
e já está aberto pra qualquer professor utilizar com seus alunos.	410
A sala de leitura tem que estar integrada neste trabalho,	411
porque só tem dez cadeiras no laboratório de informática.	412
+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: GF1	
+++ Retrieval for this document: 9 units out of 383, = 2.3%	
++ Text units 252-252:	
A4 – É muito bonito, tudo organizadinho, tudo limpinho.	252
++ Text units 257-258:	
A6 – Porque a nossa sala é usada por crianças durante o dia.	257
Às vezes está muito sujo.	258
++ Text units 270-272:	
Eu gosto dela [professora da sala de leitura] como se ela fosse da minha família.	270
E não é só comigo não,	271
é com o pessoal todinho quando sobe lá em cima.	272
++ Text units 379-380:	
A6 – Sala de leitura e o auditório [sala de vídeo].	379
Pouco, mas usamos.	380
++ Text units 382-382:	
A6 – Não. Já fomos ao laboratório de ciências.	382
+++++	
+++ ON-LINE DOCUMENT: GF2	
+++ Retrieval for this document: 23 units out of 537, = 4.3%	

++ Text units 207-211:		
A15 – Eu ainda não vi uma escola como essa aqui,	207	
toda limpinha, organizada.	208	
Na escola que meus filhos estudavam era uma bagunça, toda pichada,	209	
os corredores sujos.	210	
Mas aqui não. Aqui a escola é novinha.	211	
++ Text units 224-224:		
Aqui não, aqui é tudo limpinho e cheirosinho.	224	
++ Text units 227-229:		
A13 – A gente assiste vídeo, vai à sala de leitura.	227	
A12 – Lá na outra escola não tinha câmera filmando a gente.	228	
Aqui tudo foi muito bem feito.	229	
++ Text units 351-353:		
E quando eu vim pra cá, ainda não tinham dado o livro,	351	
que facilita um pouquinho.	352	
Mas aí a gente fazia do quadro e tinha que puxar da cabeça mesmo.	353	
++ Text units 377-379:		
Mas eu acho que poderia dar material pra gente melhor.	377	
Os lápis que a gente ganha, faz ponta e vai quebrando.	378	
o apontador só se usa duas vezes.	379	
++ Text units 381-383:		
Eu acho que não é culpa da escola, mas do governo.	381	
Poderia mandar um dinheiro maior pra comprar um material melhor,	382	
que a gente não precisasse comprar do nosso bolso.	383	
++ Text units 397-397:		
A15 – Os livros são muito bons, de matemática...	397	
++ Text units 399-401:		
A14 – Tem que ver que o governo não está fazendo favor não.	399	
Nós pagamos imposto pra isso!	400	
O governo está ali a serviço do povo.	401	
++ Text units 406-406:		
Se não tivesse material aqui da escola, eu não teria dinheiro pra comprar.	406	
++++ ON-LINE DOCUMENT: GF3		
+++ Retrieval for this document: 7 units out of 355, = 2.0%		
++ Text units 240-241:		
A18 – A única coisa que tem são os trabalhos dos grafiteiros no muro,	240	
mas é uma arte...	241	
++ Text units 244-245:		
A16 – As mesas de vez em quando estão sujas.	244	
Aí a gente passa um pano e limpa.	245	
++ Text units 298-298:		
A22 – Às vezes a gente usa a biblioteca.	298	
++ Text units 300-301:		
A16 – Ela às vezes vai lá na sala e chama pra gente subir.	300	
Pergunta quem quer levar livro pra ler em casa.	301	
++++ ON-LINE DOCUMENT: GF4		
+++ Retrieval for this document: 8 units out of 257, = 3.1%		
++ Text units 151-153:		
A27 – O portão lá de fora vive aberto.	151	
A28 – E lá fora não tem iluminação. E já até caiu gente lá fora.	152	
A29 – É muito escuro lá fora.	153	
++ Text units 235-235:		
E eu acho que a gente tem que ter dicionário, porque é importante, pra		

tirar dúvidas.	235	
++ Text units 237-240:		
A sala de leitura é muito escura...	237	
A27 – Mas quando eu comecei a estudar aqui tinha luz na sala de leitura.	238	
Mas é perigoso lá fora.	239	
A23 – O que adianta ir pra biblioteca de noite? E se sair um tiroteio?	240	
+++++		
+++ ON-LINE DOCUMENT: GF5		
+++ Retrieval for this document: 8 units out of 256, = 3.1%		
++ Text units 126-127:		
A34 – A merenda é boa.	126	
Essa merendeira é ótima cozinheira!	127	
++ Text units 219-224:		
A34 – É muito difícil assistir vídeo.	219	
A36 – Mas nós já fomos na sala de leitura.	220	
A gente pega livros pra ler.	221	
Já fomos até mais de uma vez por mês.	222	
A gente vê o filme e o que tem no livro,	223	
a gente vê na televisão [Kit Multimeios].	224	
+++++		
+++ ON-LINE DOCUMENT: GF6		
+++ Retrieval for this document: 16 units out of 238, = 6.7%		
++ Text units 4-6:		
A41 – O que está faltando aqui é que a gente aprenda a usar o computador,	4	
porque aqui não tem.	5	
A42 – Tem sala de informática, mas nunca foi usada por nós.	6	
++ Text units 8-9:		
Mas nós entramos esse ano e já existia essa sala de informática.	8	
Mas ela está fechada.	9	
++ Text units 54-56:		
Quando eu cheguei aqui o laboratório era quebrado,	54	
agora não, está muito lindo!	55	
Essa nova diretora, Márcia, é que fez tudo isso!	56	
++ Text units 133-135:		
A37 – Realmente a escola é suja,	133	
mas uma escola de adolescente, né? De manhã, de tarde...	134	
A38 – O bebedouro não tem água gelada.	135	
++ Text units 231-232:		
A39 – Eu já fui à sala de leitura com a dona Bia, no ano passado.	231	
Agora não vamos mais.	232	
++ Text units 236-238:		
A40 – Este ano recebemos uma mochila...	236	
A42 – Recebemos porque nós reclamamos, porque era para as crianças.	237	
A37 – Ela deu o livro, mas a escola pediu de volta...	238	
+++++		
+++ ON-LINE DOCUMENT: P1		
+++ Retrieval for this document: 15 units out of 375, = 4.0%		
++ Text units 338-339:		
P1 - Utilizo o [livro didático] Viver, Aprender	338	
apenas de vez em quando.	339	
++ Text units 343-344:		
Eu gosto do Kit Multimeios,	343	
às vezes eu uso uma ou outra coisa.	344	
++ Text units 353-356:		
P1 - Não uso a Sala de Leitura	353	

e a professora vem esporadicamente.	354
Ela fica na escola uma vez por semana à noite,	355
mas não tem feito trabalho com os alunos.	356
++ Text units 358-359:	
Eles amam quando ela [professora da sala de leitura] vai.	358
[professora da sala de leitura] Eu acho que ela não vai [à sala] por causa dos horários.	359
++ Text units 362-364:	
Eu não vou à sala de leitura.	362
Eu trago os meus livros e trabalho com eles.	363
Deixo na sala e eles pegam pra ler.	364
++ Text units 371-372:	
Uso a sala de vídeo de vez em quando, para lazer	371
[sala de vídeo] ou para trabalhar alguma coisa da sala de aula.	372
++++ ON-LINE DOCUMENT: P2	
+++ Retrieval for this document: 3 units out of 295, = 1.0%	
++ Text units 293-295:	
P2 – A professora da sala de leitura tem vindo uma vez por semana ao PEJA,	293
faz um trabalho legal com os alunos,	294
mas o laboratório de informática ainda não está sendo usado.	295
++++ ON-LINE DOCUMENT: P3	
+++ Retrieval for this document: 11 units out of 353, = 3.1%	
++ Text units 343-353:	
P3 - Eu acho que o atendimento da sala de leitura não é o ideal.	343
A professora [sala de leitura] vem uma vez por semana e não atende todos os alunos.	344
Então é bem espaçado.	345
Cada vez que vem, pega uma turma ou duas.	346
Então demora muito.	347
Ela [professora da sala de leitura] é só uma em três horários.	348
Ela [professora da sala de leitura] faz coisas muito legais e os alunos adoram.	349
Sobre o laboratório de informática	350
eu nem sei como está.	351
Eu uso a sala de vídeo muito pouco,	352
porque os filmes têm que ser dublados e é difícil conseguir.	353
++++ ON-LINE DOCUMENT: P4	
+++ Retrieval for this document: 3 units out of 329, = 0.91%	
++ Text units 311-313:	
P4 - Não dá pra descer porque é escuro,	311
mas os livros sobem na caixa.	312
É um momento da leitura.	313
++++ ON-LINE DOCUMENT: P5	
+++ Retrieval for this document: 13 units out of 264, = 4.9%	
++ Text units 252-264:	
P5 - Quando a Coordenadora Pedagógica,	252
que também é professora da Sala de Leitura,	253
está aqui	254
e eles querem, eles vêm pegar os livros.	255
Mas poucos pedem pra levar pra casa.	256

No ano passado, 257
eu levava os livros pra sala. 258
Este ano vou fazer isso também. 259
Mas não quero que eles [alunos] pensem que eu estou forçando. 260
Tem o laboratório de informática, 261
mas nós não estamos usando. 262
Vamos começar quando a diretora der o aval. 263
[informática] É uma linguagem necessária. 264
+++++

+++ ON-LINE DOCUMENT: P6
+++ Retrieval for this document: 6 units out of 270, = 2.2%
++ Text units 257-257:
P6 - Não chegou o material do Multimeios para todos os alunos. 257
++ Text units 259-259:
Tem alunos novos que não tem este ano. 259
++ Text units 261-262:
Nesta escola podemos usar a xerox 261
e tudo o que queremos a diretora compra, é só dizer pra ela. 262
++ Text units 266-267:
P6 - Uso a sala de leitura, 266
mas esse ano ainda não fui lá com essa turma. 267
+++++

+++++

+++ Total number of text units retrieved = 200
+++ Retrievals in 18 out of 18 documents, = 100%.
+++ The documents with retrievals have a total of 6378 text units,
so text units retrieved in these documents = 3.1%.
+++ All documents have a total of 6378 text units,
so text units found in these documents = 3.1%.

APÊNDICE 10

EXEMPLO DE ENTREVISTA DIREÇÃO

Entrevista com a Diretora 3 da Escola B, realizada no dia 27 de maio de 2008, com duração de uma hora e trinta e cinco minutos.

J - Sobre a formação do diretor: Magistério.

D3 – Sim.

J - Se Graduação, especificar curso.

D3 – Tenho quatro faculdades: fiz magistério, administração escolar, matemática e estou fazendo direito.

J - Se Especialização (mín. 360 h), especificar modalidade.

J - Se Pós-Graduação, especificar se mestrado ou doutorado, especificar título, instituição e ano de conclusão.

J - Tempo de atividade profissional: como professora, no ensino regular;

D3 – desde 1986 e logo fui trabalhar no PEJ.

J - como diretora no ensino regular;

D3 – já fui diretora em outras escolas. É a 13ª ou 14ª função gratificada que eu exerço. Eu saio muito das escolas porque me aborreço e porque quero sempre algo novo.

J - como diretora em uma escola com PEJA.

D3 – Trabalho em escola com PEJA (PEJ) desde 1986.

J - Tempo nessa escola

D3 – Desde 2003

J - Tempo na função de diretora

D3 – Há dois anos, desde 2006. Antes eu era adjunta.

J - Carga horária semanal de trabalho

D3 - Trabalho o dia inteiro. A escola tem 67 funcionários, mil alunos, dois mil responsáveis, mais ou menos três mil clientes e tenho que atender de uma forma razoável de manhã, de tarde e à noite. Tenho duas matrículas como diretora, são 65 horas por semana.

J - Principais tarefas que realiza e tempo que dedica a cada uma delas

D3 – Faço tudo o que é específico da direção.

J - Você costuma participar das ações de formação oferecidas pela SME ou pela CRE? Nos últimos dois anos, de quais formações você participou? Qual era o foco dessas formações?

D3 – Sim. Eu sou muito crítica e às vezes a formação não acrescenta muito, mas algumas vezes acrescenta.

J - Você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de formação continuada para a melhoria de sua prática na direção? Se sim, como?

D3 – Sempre que é possível e necessário.

J - Fatores que influenciam nos resultados da escola: Há quanto tempo esta escola existe?

D3 – O prédio tem 54 anos.

J - Há quanto tempo esta escola oferece o PEJA? Qual o motivo principal da abertura do PEJA nesta escola?

D3 – O PEJA se iniciou em 2004 nesta escola. A CRE precisava colocar mais ensino pra jovens e adultos. A opção era o supletivo ou o PEJA. A coordenadora conversou com a diretora da época e ela optou pelo PEJA. O trabalho ainda está sendo estruturado e construído. É uma construção contínua. O PEJA tem sido procurado, principalmente por causa da propaganda boca-a-boca. Os alunos dizem que os professores se importam com eles, aqui eles estudam, trabalham. Temos um livro de cadastro de espera para matrícula no PEJA, desde 2005. Após o COC, já matriculamos, ligamos para as pessoas da lista. O que chama mais atenção no PEJA é que os alunos tiveram dificuldades no ensino diurno e elas permanecem: cuidar de alguém da família, tiveram dificuldades na aprendizagem, tem que trabalhar. Tem alunos que chegam muito cansados. Mesmo com esta procura, não vale a pena abrir mais turmas, porque é muito movimentado. Há uma entrada e saída constante. A sexta-feira é o dia mais vazio da escola.

J - Há quanto tempo exerce o cargo de diretor desta escola? Através de qual processo assumiu a direção da escola?

D3 – Este é o terceiro ano. Eu fui eleita pela comunidade.

J - Qual a sua opinião sobre os fatores que influenciam nos resultados obtidos pelos alunos do PEJA de sua escola?

D3 – A comunidade, o entorno. Não tem tantas dificuldades como nós encontramos em outros. Há uma vontade muito grande de retornar a estudar. O aluno mais velho tem 86 anos. Outros querem aprender a ler e escrever para ler a bíblia, principalmente no PEJA I Bloco 1. Aqui na comunidade tem muitas igrejas evangélicas e eles querem ler a bíblia. Também tem aqueles que vêm por causa do trabalho.

J - Dentre esses fatores, quais rituais ou práticas contribuem para dar uma “marca” ou “identidade” a essa escola?

D3 – É uma escola alegre, uma escola pra cima, uma escola positiva. Eu sou assim e sou muito espontânea, apesar de ter de ser comedida. As pessoas se sentem muito à vontade comigo, e se sentem bem. Aqui o PEJA não pode ser tratado como segundo plano. Ele faz parte integrante da escola. Tem que ser inserido e respeitado. Eu tenho dois alunos cadeirantes durante o dia e não há rampas de acesso à quadra. Eles vieram reclamar e eu não havia percebido, então agora eu vou fazer. Você tem que ouvir o seu público, a sua comunidade, o seu cliente. Agora vou arrumar o banheiro dos meninos, o das meninas já está bom. A escola é de todos. E eu tenho que prestar contas, temos que ser cobrados.

J - Objetivos e Metas da Escola: Quais objetivos educacionais orientam as ações neste estabelecimento, ou seja, o que de mais importante a escola espera conseguir junto aos seus alunos?

D3 – O meu objetivo é que eles saibam a importância do estudo na vida deles. A gente não atinge 100%, mas se atingir pelo menos três, já está bom. Porque quem estuda, lê melhor, entende melhor, compreende melhor e pensa melhor.

J - Você diria que a compreensão desse(s) objetivo(s) é compartilhada por todos os professores? Em quais fatos ou dados você se baseia para esta afirmação?

D3 – Sim, com certeza. Eles têm um amor muito grande a essa escola. São pessoas que trabalham 30 anos aqui. Entram aqui e não querem sair. Alguns são ex-alunos daqui e só querem trabalhar aqui.

J - Você diria que os alunos também conhecem e concordam com este projeto?

D3 – Sim, principalmente os do PEJA que são adultos.

J - A escola se colocou metas a atingir? Quantas/ quais? Estes objetivos e metas estão registradas em algum documento escolar?

D3 – Nosso Projeto Político Pedagógico é “Semeando leitura, colhendo cultura”. No primeiro trimestre trabalhamos com a saúde, principalmente por causa da questão da dengue. O projeto foi sobre a saúde do planeta. Agora neste trimestre, vai ser “Estudar é bom, estudar é legal”, que vai englobar toda a escola, nos três turnos. Foi um consenso dos professores, porque os alunos não estão querendo ler. O projeto sempre integra os três turnos, apesar da realidade diferente do PEJA.

J - Quais estratégias / iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas? Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?

D3 – Tenho atitudes semelhantes, mas a postura é diferente, porque eu estou lidando com adultos. Muitas vezes, eu converso com os adolescentes de forma dura. Sempre chamo pra conversar, a todo momento. Os adolescentes precisam deste toque. Precisam entender esses limites. Eu discuto com eles a postura que é necessária na escola. O limite é pra respeitar o outro e não pra cercear sua liberdade.

J - Como diretor(a) você sente a necessidade de maior autonomia para realizar a sua tarefa?

D3 – Eu tenho clareza que estou num sistema. Eu tenho que respeitar as diretrizes porque estou inserida, sou concursada e fui eleita pela comunidade. Então, não posso ir contra isso. Eu tenho que cumprir as determinações. Eu tenho autonomia dentro destes parâmetros.

J - Em relação à área pedagógica, esta escola segue um plano oficial para toda a rede ou tem o seu próprio projeto pedagógico?

D3 – A escola segue o Projeto Político Pedagógico.

J - Além das disciplinas regulares, nesta escola, há atividades complementares ou extracurriculares? Se sim, quais? Como são propostas e efetivadas?

D3 – Na semana passada fomos ao Museu Aeroespacial. E sexta-feira tem o Salão do Livro. E o PEJA participa de todas as atividades. Mas não vão todos os alunos, por causa do trabalho. Mas sempre são inseridos nestas atividades extras.

J - Organização escolar: Como se estrutura a equipe dirigente desta escola? (De preferência fazer o desenho do organograma, indicando responsabilidades, funções e tarefas)

D3 – A nossa fala é muito semelhante. Eu tomo conhecimento do que a coordenadora fará no centro de estudos. Não adianta ter o PEJA e não viver o PEJA. Sempre conversamos para tomar conhecimento de tudo. A Beatriz me passa tudo. Se eu não sei, eu vou saber, mas sempre não saber é ruim. Aqui todos da direção tem que passar pelo PEJA. Todos têm que entender de PEJA. A nossa secretaria funciona para o PEJA. O quantitativo de pessoas é deficiente, mas a secretaria tem que abrir para estes alunos. Eu não posso permitir que os alunos achem que é uma brincadeira. Eles não estão brincando. Aqui não é um cursinho qualquer, que se pega o diploma de qualquer forma e acabou. Neste país se diluiu a importância do estudo. E assim cada vez mais há distâncias. Isso é muito triste. Deterioraram o valor da escola e o valor da família. É tudo muito superficial e imediato. É preciso que a escola valorize o indivíduo pra que ele a valorize também. Eu quero que meu aluno tenha liberdade de pensar, mas as coisas têm limites.

Está faltando na escola o Apoio à Direção. Ainda não conseguiu. As pessoas não querem muito. Principalmente se for um Professor I.

J - Diante de ausência de professores, por doença ou outro inconveniente, quem os substituiu? Qual é a média de faltas de professores por semana (absenteísmo)? Que tipos de atividades fazem os alunos nessas circunstâncias?

D3 – Geralmente, o aluno não vem quando sabe que o professor não virá, quando tem um curso. Nós dizemos ao aluno que ele pode ficar com o outro professor, mas às vezes eles não vêm.

J - Quais são os critérios utilizados para formar as turmas? Quando há mais de uma turma de mesmo bloco, que fatores influenciam na composição das mesmas?

D3 – O Sistema de Controle Acadêmico é que forma as turmas. Só separo alunos se derem problemas juntos.

J - Nessa escola, quem define a distribuição de professores pelas turmas? Quais critérios orientam estas escolhas?

D3 – A cada ano as professoras do PEJA I pegam um bloco diferente, revezando. Elas optaram por isso. A Betânia este ano está com a turma que ela aprovou no ano passado.

J - Quantos alunos, em média, há em cada turma do PEJA?

D3 – No Bloco 1 este ano tivemos muita procura. Temos mais ou menos 20 alunos em cada turma. E estou tendo procura para o Bloco 2.

J - Há alunos integrados no PEJA? Se sim, em quais turmas?

D3 – No PEJA temos 5 alunos no momento. Acompanhados por professora itinerante. De dia também tem muitos. Eles mudam de vida depois que entram na escola. Principalmente as cadeirantes.

J - Há atividades de recuperação paralela dos alunos do PEJA? Se sim, quais e como se dão?

D3 – Na turma 171, os alunos têm muitas dificuldades. Então, a professora Bia começou a dar aula antes do horário pra dar um reforço a estes alunos com maiores dificuldades. Eu tenho um outro olhar sobre estes alunos com mais dificuldades, porque já fui professora de EJA.

J - Docentes: Perfil e estratégias de orientação pedagógico-educacional: Como você descreve o corpo docente dessa escola em relação aos seguintes aspectos: quantidade, formação e experiência, tempo de casa, jornada de trabalho, cumprimento formal de seus deveres (frequência, pontualidade, competência técnica, compromisso/disponibilidade para aderir aos projetos da escola) etc.

D3 – É um grupo de professores unidos demais, que já estão aqui desde o início. Os professores são participativos e gostam daquilo que fazem. São entrosados entre si e comigo enquanto direção. Eu não percebo uma rivalidade, percebo uma integração. As coisas são trabalhadas e quando não estão bem vamos amenizando pra transformar. A professora de Artes é que está de licença. O professor de inglês está fazendo um trabalho integrado com a de Artes. Estão cantando músicas em inglês. A Bia eu conheço há muito tempo. E a Betânia está aqui há três anos. Os professores do PEJA participam das decisões da escola. Um exemplo disso é o Projeto Político Pedagógico. Nós somos muitos, então a decisão tem de ser de todos, porque a participação cria um compromisso.

J - Os professores costumam participar de ações de formação oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação ou pela CRE? Se sim, quais?

D3 – Eles vão, mas quando é distante existe uma certa resistência, por ser à noite. Mas se inscrevem.

J - Nessa escola se estimula o professor a realizar sua prática dentro de algum enfoque metodológico ou abordagem específica de alfabetização ou cada um segue seu próprio método?

D3 – Não. As professoras têm liberdade para escolher seus métodos. Elas trabalham muito livremente. Compramos uns livros de EJA que elas estão usando. Os alunos adultos não gostam de inovação. Eles acham que não é aula, por exemplo, quando é filme. Se for uma atividade muito diferente do que estão acostumados, as senhoras perguntam a que horas vai começar a aula.

J - Existem nessa escola orientações e critérios técnico-pedagógicos/curriculares de avaliação que devem ser respeitados e postos em prática por todos os professores? Quais são? Como é feita esta supervisão pela equipe dirigente?

D3 – Sim. A supervisão é feita pela direção e pela coordenação da escola.

J - Que apoio recebem os professores por parte da coordenação pedagógica para planejamento e preparo de suas aulas?

D3 – Recebem todo o apoio que precisam da coordenadora pedagógica.

J - Faz parte das atribuições da direção/supervisão entrar em sala para observar o desempenho do professor? Se sim, com qual periodicidade? Como os dados observados são tratados com os professores?

D3 – De vez em quando eu dou umas incertas. Temos o censo dos alunos. Então, eu passo nas salas para os alunos assinarem e observo as turmas. Eu não vejo isso como algo ruim. Às vezes os alunos me pedem para ir à sala. As turmas têm representantes e a Beatriz faz reunião com eles. Mas se algo incomoda, eles falam logo, não esperam a reunião.

J - Como os professores são avaliados em suas práticas? Com base em que estas avaliações são feitas? Quem tem acesso aos resultados dessas avaliações? Essas avaliações têm repercussão dentro da escola, ou seja, elas contribuem para melhorar as práticas docentes realizadas?

D3 – Eu passo nas salas e observo como eles estão, tanto professores quanto alunos. Mas no PEJA não há problemas sérios.

J - Neste ano, quais são as prioridades do Centro de Estudos? Quais ações estão sendo realizadas? Quais estratégias/ recursos são utilizados? Quais temas são abordados?

D3 – Temos conversado muito sobre a frequência dos alunos, as dificuldades destes alunos, a colocação do Registro de Classe, que é importantíssimo e nós cobramos muito dos professores, que são resistentes ao Registro.

J - Você costuma participar dos Centros de Estudos? Com que frequência? E dos Conselhos de Classe?

D3 – Participo dos Conselhos de Classe. Tem que participar. Dos centros de estudos nem sempre, porque abro a escola pela manhã e é muito desgastante.

J - A maioria dos professores do PEJA atua com matrícula ou com dupla regência?

D3 – Todos atuam com matrícula.

J - Clima organizacional: relacionamento interpessoal, participação e compromisso: Como você qualificaria as relações interpessoais e o clima de trabalho desta escola? (Sondar aspectos relativos à relação professor/aluno; professor/professor; professor/equipe de direção etc.)

D3 – Todos se dão muito bem aqui na escola.

J - Em sua opinião, em quais assuntos da escola é indispensável contar com a participação ativa dos professores? E em quais isto não é imprescindível?

D3 – Os professores aqui opinam sobre tudo. Até sobre o que comprar para a escola.

J - De um modo geral, como os professores lidam com solicitações da direção para atividades extra-aula (participação em festas, campanhas, reuniões ou outras atividades)?

D3 – Lidam numa boa. Saem sempre que possível e gostam.

J - Alunos: perfil e expectativas sobre seu desempenho e aprendizagem: qual o perfil dos alunos dessa escola?

D3 – Os alunos aqui têm uma condição não muito ruim, não temos problema de violência no entorno, os alunos são participativos e envolvidos com a escola.

J - Quais critérios e regras regem a promoção desses alunos?

D3 – A aprendizagem deles de acordo com os parâmetros do PEJA.

J - Do total de alunos matriculados no PEJA I Bloco 1, quantos, em média, chegam ao último bloco atendido pela escola?

D3 – São poucos, mas alguns conseguem, acho que cerca de 10%. No ano passado, alguns alunos não queriam ser aprovados. Não queriam sair da escola. Alguns alunos foram aprovados para o Colégio Pedro II, uns dois alunos.

J - Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar dos alunos que deixam a escola?

D3 – São alunos que ficam envolvidos com a escola, voltam, nem querem sair para outra escola.

J - Que nível de ensino você acredita que a maioria de seus alunos alcançará no futuro? Por quê?

D3 – Acho que boa parte conseguirá se alfabetizar e terminar o Ensino Fundamental.

J - Em caso de faltas excessivas dos alunos às aulas, quais as providências tomadas pela escola? Há iniciativas para localizar estes alunos e incentivá-los a retornarem?

D3 – Temos o censo presencial, que deveríamos fazer uma vez por mês. Mas em abril não conseguimos fazer. Neste censo, todos assinam. É uma iniciativa da escola. Verificamos, chamamos o responsável se for adolescente, ou conversamos com o aluno, se já for adulto. Se não estiver de uniforme, chegar atrasado e for menor, só entra com o responsável. O aluno trabalhador tem tolerância de horário. Depois que eu comecei a nortear, limitar, determinar, a coisa está funcionando melhor. Porque estava tudo muito solto.

J - Relacionamento escola e comunidade: Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar das famílias dos alunos atendidos pela escola?

D3 – As famílias são remediadas e muitos são alunos que já estudaram anteriormente. Alguns têm ou tiveram seus filhos estudando aqui na escola.

J - Há algum aspecto da cultura local que a escola tenta resgatar e integrar as suas práticas curriculares? Quais? Como isso é feito?

D3 – Agora estamos pensando em fazer uma parceria com o pessoal do grafite.

J - A escola realiza ou participa de alguma ação em parceria com a comunidade? Quem as promove? Quais são os objetivos? Existem outras entidades participando dessas ações junto com a escola?

D3 – As festas da escola são internas, para que não dê problemas. Eu tenho muito medo disso. No fim de semana também a escola não abre, porque o funcionário residente precisa descansar. Mas a relação com a comunidade é muito boa.

J - Há fatores característicos do entorno comunitário que favorecem ou prejudicam os resultados obtidos na escola? Quais? De que forma esta influência se exerce?

D3 – Não. Eu me identifico com o trabalho do PEJA. Eu fico orgulhosa e emocionada. Às vezes você se sente cansada, vem uma senhora e diz que quer estudar. Às vezes tem uma vida muito mais desgastante e quer voltar a estudar. Eu aprendo muito com as senhoras do PEJA. E eu gosto do vai-e-vem da escola.

J - Infra-estrutura pedagógica, materiais e equipamentos: posse e condições efetivas de uso: Que recursos pedagógicos estão disponíveis para os professores do PEJA? Como se dá este uso? É regular/esporádico? São suficientes?

D3 – Temos um caderno de compras, da direção e dos professores, compramos jogos, mapas, sistemas do corpo humano e procuramos atingir a solicitação dos professores. Compramos o Data show, que os professores estão usando. O PEJA não usa a quadra, porque os alunos não conseguem chegar cedo. Tinha um professor de Educação Física antigamente, mas agora não tem mais.

J - Nessa escola, como se dá a utilização dos livros didáticos e outros materiais? Esta estratégia de uso tem tido, em sua opinião, efeito positivo sobre os resultados escolares?

D3 – Utilizam sim. Os professores gostam do material. Principalmente do Viver, Aprender. Tem que ser da vivência deles, tudo do dia a dia é melhor assimilado. Outro dia, a Betânia estava ensinando o uso do cheque, mas já está até obsoleto. Por isso, muitos querem aprender a informática, por causa do caixa rápido dos bancos.

J - Há, na escola, problemas quanto à degradação de materiais e equipamentos? Se sim, quais e como se solucionam tais casos?

D3 – A escola não é pichada. E estamos fazendo um trabalho com o pessoal do grafite. A comunidade cuida da escola. Pra mim o belo é muito importante. A gente estuda melhor num ambiente saudável, num ambiente bonito. E sem barulho também. Ajuda a concentração.

J - Os alunos utilizam o espaço da sala de leitura? E o laboratório de informática? De que maneira e com que frequência?

D3 – A sala de leitura está muito bonita. Foi reformada. A Coordenadora Pedagógica é professora da Sala de Leitura. As quintas-feiras a Beatriz fica à noite atendendo ao PEJA. Mas os professores podem usar todos os dias que quiserem. Agora que estamos arrumando o laboratório de informática. Temos um professor de dia que vai fazer uma informática educativa e já está aberto pra qualquer professor utilizar com seus alunos. A sala de leitura tem que estar integrada neste trabalho, porque só tem dez cadeiras no laboratório de informática.

APÊNDICE 11

EXEMPLO DE RELATÓRIO DE GRUPO FOCAL

Grupo Focal realizado com a Turma 191 da Escola C em 10 de novembro de 2008.

J – O texto de Paulo Freire apresenta aspectos muito positivos da escola. Com quais aspectos apresentados no texto você concorda? Há algum aspecto com o qual você não concorda?

A11 – Eu acho que esse texto tem tudo a ver com a gente.

A15 – Agora, porque lá no passado a borracha tinha que ser o dedo. Hoje a gente tem material, tem caderno, tem lápis, tem caneta. Hoje a gente é tratado com mais respeito. Tem união dentro da sala. A gente faz amigos. No sábado e domingo ficamos esperando a segunda-feira chegar, pra gente ver nossos amigos, porque a escola trata bem a gente. Eu estou aqui até hoje e estão me tratando superbem. Não crio confusão com ninguém. A nossa sala é a melhor daqui da escola. A professora é uma bênção.

A9 – Ela tem muita paciência com a gente.

A11 – Na minha idade, se você encontrar um grupo de barraco, o que vai acontecer? Você vai desistir da escola. Se você não entende a aula, você vai desistir. Se você pedir uma explicação e a professora disser “tá no quadro”, você vai sair da escola.

A13 – Esse texto fala que o professor é gente, o diretor é gente. Aqui realmente é isso, aqui todo mundo é gente. Isso é sem demagogia.

A10 – Até mesmo a depressão da gente. Depois que perdi meu marido, eu me sentia muito sozinha dentro de casa. Minha filha é voltada pra igreja e os estudos. Meu filho trabalha o dia inteiro e eu ficava em casa assistindo novela, todo dia a mesma coisa à noite. Eu conversei com o psiquiatra. Eu sentia um vazio. A escola foi um aprendizado porque eu tinha parado de estudar e foi uma espécie de fuga, porque eu fico dentro de casa sozinha. Foi bom pra mim. Preencheu um vazio. Antigamente qualquer coisa eu ia pra Juiz de Fora, pra casa da minha mãe. Agora não.

A12 – Tem um mês que eu comecei a estudar aqui. Eu saí do outro colégio porque eu não conseguia estudar por causa dos próprios alunos. Eu falei pra professora. Ela queria ensinar, mas não podia. Porque ela queria explicar e o pessoal ficava falando. Tinha muita gente que faltava a aula. Lá é uma bagunça danada. Ninguém entende o que a professora está falando. A leitura não entra na cabeça da pessoa. Aqui o colégio é muito bom. Eu gostei!

J – O que tem aqui que faz as pessoas fazerem mais silêncio?

A12 – Me informaram que aqui não tem bagunça no colégio. Que as professoras ensinam direitinho. Aqui ninguém é criança, respeitam a professora. Eu acho que a pessoa vai pro colégio pra aprender, não pra dar risada do que a professora está falando. Depois não aprende e acha que a professora é que é ruim. Na hora da prova ficavam colando um do outro. Quando for fazer a prova em outro lugar, não vai saber nada. Eu não sou daqui do Rio. De pequeno não estudei, mas de idade já estou interessado. Eu me perdia daqui pra minha casa. Não sabia que ônibus pegar. A escola já me ajudou, graças a Deus. Eu sabia muito mal meu nome. Sou muito bem tratado aqui no colégio. Eu vim transferido pra cá, por causa disso. Mas não dava pra estudar mais. Aqui eu tenho que andar mais, é mais longe, mas estou satisfeito. Mas lá eu não estava aprendendo. E muita gente está saindo de lá por causa da bagunça.

A14 – Eu já vivi tudo que a escola pudesse oferecer, já fiz muita bagunça na escola. Sempre alguém me batia, puxava meu cabelo. Às vezes a pessoa coloca a criança na sala de aula e acha que a professora tem a obrigação de dar educação e ainda ensinar a ler. Se os pais se empenhassem em participar e ajudar a criança, fazia a escola ser mais organizada, ver os trabalhos da criança... Não é só colocar uma letra no quadro e falar “tu tem que ler”. Cada um fazendo um pouquinho pode melhorar, tem que começar da semente pequena que vai crescer. A criança vai se identificar com a família. Isso ia melhorar mais os colégios. O pai e a mãe têm que valorizar o que a criança faz na escola, e isso vai servir de inspiração. Eu sinto falta disso. Quando tinha festa na escola, eu

via o pai e a mãe de todo mundo, e eu não tinha ninguém. Tudo o que eu não vivi lá atrás, eu passo pras pessoas. Hoje eu quero dar o sorriso que não me deixaram dar ontem. Hoje os pais estão todos estressados. A criança fala “eu te amo e apanha”. Quando eu adolescente não tinha um “obrigado”, um “desculpa”, um “foi sem querer”. Eu poderia ser uma criança revoltada.

A10 – Isso é normal. Eu tinha oito irmãos. Meu pai era policial e batia muito na gente. Mas meus irmãos conseguiram. Eu não consegui por causa da minha doença. Eu e um irmão meu não conseguimos evoluir bem no colégio. Dentro da nossa inteligência, não conseguimos desenvolver bem no colégio. Minha irmã chegava da faculdade e meu pai dizia “tava namorando”, e ela apanhava.

A13 – Muitos pais colocam o filho na escola e acham que o professor tem que ensinar o que é certo e o que é errado. Mas isso tem que vir de casa. Em casa ele faz tudo, chega na escola, também vai fazer. Depois diz que o professor não está ensinando nada. Eu não tinha atenção dos meus pais. Eu crio uma sobrinha, mas ela nunca levou uma palmada. Hoje está formada, é professora. Eu vi uma mãe batendo na criança dentro da Kombi e o motorista mandou ela descer. Ela preferiu descer do que parar de bater no filho.

A10 – Eu já vi um filho xingar a mãe na rua. Achei muito feio.

A12 – Eu fui criado no meio do mato. Mas o povo da cidade não estuda porque não quer. Porque o governo está dando educação. Eu vim de uma família de 16 irmãos. Não importa quantos irmãos você tem. O importante é ter lugar pra estudar.

A14 – Hoje em dia não tem mais aquela educação de antigamente. Agora as crianças falam coisas que adultos falam, xingam palavrão.

A12 – A mãe tem que tratar o filho com carinho. Quando eu era pequeno e minha mãe me viu fumando, ela me bateu, mas foi bom porque fumar é ruim. Eu até gostei e comecei a andar no caminho certo. Nunca mais fumei.

A11 – Eu acho que a escola ensina, mas as crianças não estão interessadas.

J – Vocês acham que aqui na escola é importante para direção e para os professores que todos os alunos aprendam?

A13 – Eu acho. Porque ano passado quando teve aquela coisa da aceleração para o PEJA II, a professora segurou mais um pouco porque eu não estava preparada. Eu não ia acompanhar bem. Eu entrei aqui e não sabia nada. E dizem que o adulto tem mais dificuldade do que a criança. A escola se interessa muito pelo aprendizado do aluno.

A14 – Os professores em geral desse colégio valorizam o salário que ganham. Eles trabalham porque gostam do que fazem. Porque você não vê os alunos frequentemente voltando pra casa sem aula. Eles têm aquela preocupação de os alunos aprenderem por igual. Eles são professores empenhados no trabalho deles, tanto em explicar, em dar aula, em ter paciência. Aqui há um respeito imenso entre os alunos. Os alunos se ajudam. É tipo uma família, da parte dos professores e da parte dos alunos. Isso que me incentiva a ter força de vontade pra estudar. Eu me distraio, deixo o estresse. Meus colegas me ajudam.

J – Vocês acham que estão aprendendo aqui na escola?

A10 – Eu acho. Porque eu tenho dificuldade de aprendizado. Eu comentei com o Dr. Ricardo. Eu perguntei se eram os remédios que eu tomo, a quantidade. Mas não adiantou eu tomar em outro horário. Eu tenho uma casa enorme! Eu tenho que arrumar a casa todo dia... Meu filho diz que eu tenho que estudar pelo menos uma hora por dia em casa. Minha filha também diz. Mas o telefone toca, tem a casa. Ela não me ensina. Às vezes, eu prefiro que eles não me ensinem.

J – Dona Jurema, o que a senhora está aprendendo aqui na escola?

A9 – Eu estou aqui desde o ano passado. Eu passei mais de um mês procurando escola pra estudar. Eu vim estudar por incentivo do médico, porque eu caí em depressão. Então, ele disse que eu tinha que fazer caminhada, exercícios, e eu não gosto. Então, ele falou: “a senhora viveu a vida toda na escola, então a senhora vai procurar uma escola, se você não souber ler, vai aprender, se souber melhor ainda”, porque eu sou aposentada pelo Estado. Mas demorei muito pra achar essa escola. Me indicaram esta escola e eu comecei com a Clara e com ela estou até hoje. Eu considero a Clara mais do que uma professora. Ela é como a minha irmã, que eu perdi. Eu sei mais ler do que escrever. Mas eu já tenho 73 anos. Tenho filhos, netos. E... de vez em quando eu esqueço o que

vou falar. A Clara me trata muito bem. Mas ela trata todo mundo bem. Ela foi a primeira pessoa que falou comigo no dia que eu cheguei aqui. Ela e a Cristina.

J – O que vocês acham da conservação do prédio de sua escola? Ela é limpa? É pichada ou degradada?

A15 – Eu ainda não vi uma escola como essa aqui, toda limpinha, organizada. Na escola que meus filhos estudavam era uma bagunça, toda pichada, os corredores sujos. Mas aqui não. Aqui a escola é novinha.

J – Este ambiente limpo ajuda a aprender? De que maneira?

A11 – Ajuda porque nós não estamos num ambiente desorganizado, nem sujo. Além da escola ser organizada, tem os professores, a direção, são todos organizados.

J – O que vocês acham do jantar?

A15 – Eu não como. Porque eu faço dieta e não posso. Mas é muito cheirosa. Depois da janta tem sempre uma sobremesa.

(Todos dizem, ao mesmo tempo, que gostam da comida.)

A12 – Na escola que eu estudava, tinha comida, mas não tinha sobremesa. Não tinha nem bebedouro para beber água. O que tinha era tampado com um plástico preto. O banheiro muito sujo. Aqui não, aqui é tudo limpinho e cheirosinho.

J – Além da sala de aula, sua turma utiliza outros espaços da escola? Se sim, quais espaços?

A13 – A gente assiste vídeo, vai à sala de leitura.

A12 – Lá na outra escola não tinha câmera filmando a gente. Aqui tudo foi muito bem feito.

J – Qual a sua opinião sobre as medidas de disciplina na sua escola (por exemplo, o uso do uniforme, os horários de entrada e saída, a proibição do uso do boné, a proibição do uso do celular etc.)?

A14 – Sabe o que é fundamental também? A organização de não poder fumar na sala de aula e nem no colégio.

J – Não fica parecendo que a escola é muito rigorosa com as regras?

A12 – Mas na sua casa não é assim? Quando você chega em casa tem que dar “bom dia”, “boa noite”. Se você chegar e só entrar não está sendo sem educação? Tem que ter ordem a casa. No outro colégio, vai com roupa comum e quando sai vai pros bailes. Aqui tem mais educação. Eu sei e estou contando a história de quando eu estava lá.

J – Existe uma cobrança dessas regras?

(Todos respondem que sim.)

A14 – Eu trago a blusa dentro da bolsa, pra vestir aqui.

J – Tem alguém no portão da escola observando o cumprimento das regras?

(Todos respondem que sim.)

A14 – Se a senhora me ver sem a blusa do colégio, pode contar que a moça que fica no portão não me viu, deve ter ido no banheiro quando eu passei... (risos). Se eu for na diretoria, me perguntam: cadê a blusa?, Por que está de chinelo? É bom porque é uma forma de nos visualizar. Você se distrai e puxam minha orelha. Mas é muito maneiro.

A15 – Na nossa sala tinha o Alex e ele só chegava de boné. Mas a professora Clara dizia pra ele tirar e ele tirava.

J – Essa organização ajuda na aprendizagem de vocês?

(Todos respondem que sim.)

A15 – Ah! Às vezes, dizem alguma coisa que a gente fica triste, mas depois a gente esquece, deixa pra lá.

J – Por exemplo, fazer festa na sala de aula... Vocês ficaram chateados com a proibição da diretora?

A13 – No começo sim. Mas depois não. Quando você vê a diretora, pensa que ela é durona, mas ela sabe te escutar como ninguém. Você às vezes tem medo. Mas quando você fala alguma coisa, ela vai investigar a fundo esta história. Vai saber qual é a verdade. Antigamente, um podia fazer coisas e outros não. Eu fui conversar com a diretora. Eu acho que se abrir exceção pra um, tem que abrir pra todos.

J – Então aqui, as pessoas têm acesso livre à direção da escola?

A12 – Eu concordo com ela. Lá no outro colégio, podia até pular na cadeira que ninguém fazia nada.

A11 – Muitas pessoas da minha família estudaram aqui e sempre gostaram da escola.

J – Quando você falta às aulas, a sua escola toma algum tipo de atitude em relação a você?

A14 – Ganha falta.

A15 – Eu dou a minha explicação e sou sincera. Tem dia que eu não quero vir, estou cansada do trabalho e quero deitar. Tem dia que não estou passando bem. Aí eu falo para professora no dia seguinte.

J – Se tiver muita faltas, a escola toma alguma providência?

A13 – Se tiver muitas faltas, eles chamam pra conversar.

J – Mas vocês já viram algum aluno tendo que vir para conversar com a direção sobre as suas faltas?

A13 – Eles chamam pra conversar e dizer se quer continuar estudando. Depois de 30 faltas, é eliminado. Mas antes, eles chamam pra que você explique porque está faltando e pra voltar a estudar.

J – Na sua escola há suspensão de aulas por algum motivo?

A15 – Clara não falta nunca.

(Todos concordam com Rosinete).

A13 – Mas os outros professores da escola também não faltam.

A14 – Às vezes até antes de começar as aulas os professores já estão na sala. Quando eu penso que Clara está em casa, ela já está na sala dos professores. (Risos)

J – Do que vocês mais gostam na escola?

A9 – Da minha professora... (Risos)

A10 – Eu gosto de tudo, da aula de matemática, gosto de fazer contas, gosto da Clara também que é muito carinhosa, muito atenciosa. Eu gosto de tudo.

A11 – Eu gosto de estudar. Tenho uma certa dificuldade de raciocinar. E também gosto de resolver os problemas.

A10 – Eu não gosto muito de estudar, não. Mas eu não quero ficar uma velha que as pessoas me perguntam: “o que é isso?” E eu vou dizer: “não sei, não sei”. Aí não dá, né?

A12 – Eu gosto de estudar e ter amizade com todos, com a professora, com os amigos, com todos.

A13 – Gosto muito da professora da gente. Ela é muito boa.

A14 – Quando eu tive a sede de aprender, me roubaram esse desejo de aprender. Mas agora eu estou tentando correr atrás desse prejuízo. Estou tentando estar presente na escola, está difícil, mas eu estou tentando.

A15 – Eu queria aprender a ler e escrever, porque eu não sabia. Eu tenho uma filha que é enfermeira, outra é secretária, uma sobrinha que é professora. Eu acho muito bonito quando uma pessoa pega um papel e uma caneta e escreve. Eu fico assim babando. Eu tomei uma posição na minha vida. Eu falei: eu quero ir na escola pra aprender a ler e escrever. Então eu estou aqui pra aprender a ler e escrever, junto com os meus amigos também. (Risos)

J – E do que vocês não gostam na escola ou no PEJA?

A9 – Pra mim nada. Eu gosto de tudo. Principalmente de quem eu já falei, né? (Risos) Eu acho a diretora rigorosa. Mas eu gosto de gente assim. Principalmente se é a chefe. Meu filho também é chefe onde ele trabalha.

J – E os outros?

(Todos dizem que gostam de tudo.)

J – Todos vocês gostam de tudo?

A11 – Pelo menos nesse ano, até agora, eu não tenho nada do que reclamar.

A10 – Podia ter uma lanchonete pra gente comprar doces. (Risos)

J – Qual a sua opinião sobre o PEJA?

A12 – Eu tenho uma resposta, mas não sei se vocês vão concordar. Tem muita gente que dá valor ao estudo. Mas tem gente que não dá valor. Tem gente que quer um emprego melhor, mas não tem o estudo necessário pra isso.

A14 – Eu fiquei sem estudar um bom tempo. E quando eu vim pra cá, ainda não tinham dado o livro, que facilita um pouquinho. Mas aí a gente fazia do quadro e tinha que puxar da cabeça mesmo. Foi quando eu me surpreendi. Porque eu achava que não tinha noção de responder, foi aí que eu fui evoluindo e tive capacidade de fazer, assim como os outros. A gente diz que não sabe fazer.

J – O PEJA recebe um dinheiro que serve tanto para o material quanto para a alimentação dos alunos, todas as coisas que vocês necessitam: os livros, o uniforme etc.

A14 – As pessoas não têm condições financeiras de comprar e recebem da escola...

A13 – Eu acho o PEJA uma coisa muito boa. Porque antes só tinha escola durante o dia, para as crianças, não tinha escola à noite. Por isso a diretora cobra dos alunos, porque, com certeza, ela faz as coisas todas bem feitas. Quando a gente começou a estudar aqui não tinha merenda, vinham uns lanchinhos. Era tudo muito bem controlado. Eu já trabalhei em casa de diretora e as coisas da escola iam pra casa dela. E aqui você vê que isso não acontece. Quem consome somos nós.

A15 – Tem uma coisa que não é culpa da escola, nem da direção, nem da professora. Mas eu acho que poderia dar material pra gente melhor. Os lápis que a gente ganha, faz ponta e vai quebrando... o apontador só se usa duas vezes. Depois você tem que comprar. Eu acho que não é culpa da escola, mas do governo. Poderia mandar um dinheiro maior pra comprar um material melhor, que a gente não precisasse comprar do nosso bolso. A régua envergava... não estou fazendo reclamação da escola, mas não do governo.

A13 – Nesta parte eu defendo o PEJA, porque são muitas escolas pra ele dar material. Eu ainda tenho todo o material que ganhei no começo do ano. Ele pode dar uma régua que custa R\$ 10, amanhã o aluno vai dizer que esqueceu em casa, que perdeu... O que vale é o cuidado. Se não tiver cuidado, como fica?

A14 – Eu ganhei um lápis de cor, mas desde o dia que eu ganhei, não sei onde está... (Risos)

A13 – Não é um material de primeira, mas...

A15 – Os livros são muito bons, de matemática...

J – Essa ajuda é importante, mesmo que o material não seja de primeira linha?

(Todos concordam que sim.)

A14 – Tem que ver que o governo não está fazendo favor não. Nós pagamos imposto pra isso! O governo está ali a serviço do povo. Quando ele vai se candidatar, eles têm obrigação de fazer as coisas, porque nós pagamos impostos e ele tem que dar graças a Deus de estar ali.

A15 – Porque nós votamos nele. Se não tivesse material aqui da escola, eu não teria dinheiro pra comprar.

A14 – Nem eu...

A11 – Antigamente, quando a gente estudava, tudo a gente comprava e ainda pagava passagem. Não tinha o uniforme e o Rio Card.

J – Quando você comenta com alguém que está estudando, o que você mais enfatiza na sua fala?

(Todos afirmam que tem orgulho de estudar)

A13 – Eu tenho orgulho de estudar. Porque você sempre tem que ter orgulho quando faz alguma coisa digna, boa.

A10 – A minha mãe foi inspetora de colégio. Então, ela falou: “Cristina, você vai com essa blusa?” (risos) Ela me humilhou... falou pra eu vir com outra blusa e vestir essa só aqui na escola.

A14 – Parece aquele uniforme de gari...

J – E se fosse de outra cor, não laranja?

(Todos dizem que seria diferente)

A10 – Os motoristas olham pra gente como se a gente fosse bandido!

A14 – Antigamente, os garis tinham vergonha do uniforme deles. Hoje em dia quem sofre somos nós na escola...

A15 – Pra mim é um orgulho estar estudando. Eu entrei aqui não sabia um A. agora já sei ler um pouquinho. Já conheço as letras. Eu entrei aqui com o objetivo de ler a bíblia. Eu tinha vergonha de não saber ler no culto. Uma mulher de 48 anos não saber ler e escrever... Por isso eu vim pra escola. Hoje já estou lendo a bíblia, já estou deixando recadinho pra minha patroa. Minha patroa me incentivou muito. Ela dizia: “eu não aguento mais essa secretária. Ela pega os recados, mas não pode anotar”. Então eu estou feliz, eu me orgulho de estar estudando.

A10 – Os motoristas fazem a gente sentir vergonha. Eles olham com uma cara de desprezo. Às vezes eu pago a passagem.

A13 – Eu nunca tive esse problema.

J – Você costuma utilizar o que aprende na escola no seu dia a dia (no trabalho, em casa, na rua etc.)?

A11 – Com certeza.

A15 – Eu uso. Eu faço camisetas pra vender. Minha patroa leva pra o colégio pra vender pra mim e eu anoto. Eu levo o papel anotado e mostro pra ela ver se está certo. Quando ela vê que está errado, ela me diz “não é assim, é assim”. Eu aprendi a escrever os nomes das pessoas. Na minha casa, antes de dormir, toda noite eu leio um versículo da bíblia. E leio tudo certinho! Chamo minha sobrinha pra ver se está certo. Eu fico feliz!

A14 – Eu trabalho como secretaria. Eu sei ler bastante. Mas o meu problema é na escrita. Quando escrevo de caneta, minha letra sai meio trêmula. Meu patrão fala, diz que vai me mandar embora se eu não fizer direito, diz que eu tenho que prestar mais atenção. Eu fico pressionada e aumenta meu momento de amnésia (Risos). Porque eu esqueço das outras coisas.

A13 – Meu marido viaja muito e agora ele já deixa um bilhete pra mim. Antes ele tinha que me ligar. Quando eu saio, eu deixo um bilhete pra ele. Isso pra mim é muito bom!

A12 – Eu estou aprendendo alguma coisa. Quando eu vou na loja comprar material que está na nota, que o chefe manda. Tem profissional que tem leitura, mas faz o serviço pela metade. Eu sou um profissional que tenho menos leitura, mas faço o serviço bem feito. Tenho 18 anos num serviço só. Se eu fosse uma pessoa ruim de serviço não estava esse tempo todo. O importante é isso. Com leitura, eu posso conseguir uma coisa melhor. Eu tenho a carteira assinada como servente.

A11 – Eu me comunico com minha filha e meu marido através de bilhetes. Mas eu escrevia com muitos erros e eles me incentivaram a voltar a estudar. A escola está me ajudando muito. Eles falam: “ih! Está melhorando!”

A10 – Eu me esquecia muito. Eu ia pra fila do banco e esquecia a senha. Esquecia muito. Hoje não esqueço nada. Já consigo fazer transferências de uma conta pra outra. Antigamente eu sentia muita dificuldade em fazer esse tipo de coisas e agora já não sinto mais. Tinha que levar tudo anotado em papelzinho... O colégio incentivou a minha memória a trabalhar mais rapidamente.

A9 – Quando eu cheguei aqui já sabia escrever alguma coisa. Só que tem hora que dá um nervoso tão grande que eu não consigo fazer nada. Eu escrevo bilhetinho pro meu marido. Eu sei muitas coisas, não tenho dificuldade. Mas a idade não permite muita coisa. Eu melhorei 100% aqui na

escola. Um dia eu fui lá na secretaria e falei pra Cristina que queria sair da escola. Ela disse: “você não pode sair, você pode faltar quantos dias quiser, mas não pode sair da escola”. Ela disse que eu podia voltar quando estivesse melhor da saúde.

J – Você acha que será aprovado no final deste ano? Por quê?

A15 – Eu não vou. Porque eu não estou preparada. Se eu for pra outra turma, eu vou voltar pra Clara. Eles têm que passar a gente rápido. Mas eu acho que a gente tem que saber ler e escrever corretamente. Se não a gente chega na outra turma e fica perdida. Quando ela fala que eu vou passar, eu fico apavorada. Porque eu sei que não tenho capacidade de passar de ano. Eu vou chegar lá, mas preciso de mais um tempo. Eu mesma estou me assustando comigo mesma, porque eu estou melhorando. Eu ainda me confundo com algumas letras e preciso melhorar.

A9 – Eu também acho que pra passar de ano tem que saber ler e escrever muito bem. Vocês podem até ficar zangadas... (Risos)

J – Vocês acham que com a idade de vocês, vocês podem ter consciência do aprendizado de cada um?

A15 – Claro que sim. Tem dois anos que estou aqui e já sei muita coisa.

A13 – De matemática eu até teria. Agora na escrita, eu ainda preciso de um pouco de segurança.

A11 – Eu passei 30 anos sem estudar. Esse tempo que eu estudei ficou esquecido. Eu acredito que ainda preciso melhorar em muitas coisas.

A10 – Eu acho que não. Porque eu ainda tenho muita dificuldade em verbos. E também tem só um mês e pouco que eu estou aqui.

A12 – Eu quero continuar com Dona Clara e prestar mais atenção.

A14 – Eu tenho dificuldade e não entra na minha cabeça a conta de dividir. Tenho dificuldade na escrita e as vezes substituo algumas letras por outras. Mas não é falta de atenção, não.

A15 – Ela (Alessandra) vai na nossa mesa e ensina a gente.

A13 – Ela sabe muito!

A14 – Primeiro eu corrijo com a professora pra depois passar pra eles. Pra não ensinar errado.

J – Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar?

A14 – Que tal a gente escrever uma carta pra termos aula de computador na escola?

(Todos concordam)

APÊNDICE 12 – ESCOLAS SELECIONADAS

DESEMPENHO E EVASÃO PEJA I - 1º COC 2006

CRE	ESCOLA	BLOCO I						BLOCO II					
		Nº de alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I	Nº de Alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I
8ª	A	32	8	25%	24	6	25%	36	7	19%	32	8	25%
5ª	B	17	1	6%	16	9	56%	46	9	20%	39	8	21%
5ª	C	47	2	4%	54	8	15%	25	2	8%	26	0	0%

DESEMPENHO E EVASÃO PEJA I - 2º COC 2006

CRE	ESCOLA	BLOCO I						BLOCO II					
		Nº de alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I	Nº de Alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I
8ª	A	24	8	33%	25	5	20%	32	8	25%	27	4	15%
5ª	B	16	2	13%	15	4	27%	33	6	18%	34	3	9%
5ª	C	54	7	13%	50	10	20%	26	4	15%	24	2	8%

DESEMPENHO E EVASÃO PEJA I - 3º COC 2006

CRE	OLA	BLOCO I						BLOCO II					
		Nº de alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I	Nº de Alunos	Evasão	% Evasão	Alunos avaliados	Conceito I	% Conceito I
8ª	A	45	2	4%	43	9	21%	50	1	2%	49	8	16%
5ª	B	15	0	0%	16	4	25%	34	0	0%	39	9	23%
5ª	C	50	6	12%	51	12	24%	24	2	8%	22	1	5%

PEJA I BLOCO 1

CRE	ESCOLA	CONCEITOS 1º COC					CONCEITOS 2º COC					CONCEITOS 3º COC				
		O	MB	B	R	I	O	MB	B	R	I	O	MB	B	R	I
8ª	A	0	0	3	15	6	0	0	4	16	5	0	0	3	31	9
5ª	B	0	0	2	5	9	0	0	0	11	4	0	0	0	12	4
5ª	C	0	4	20	22	8	8	8	9	15	10	7	5	12	15	12

PEJA I BLOCO 2

CRE	ESCOLA	CONCEITOS 1º COC					CONCEITOS 2º COC					CONCEITOS 3º COC				
		O	MB	B	R	I	O	MB	B	R	I	O	MB	B	R	I
8ª	A	0	1	4	19	8	0	4	5	14	4	0	8	15	18	8
5ª	B	0	10	11	10	8	0	2	17	12	3	0	6	11	13	9
5ª	C	4	7	10	5	0	4	7	6	5	2	4	3	10	4	1